

v.12 n.2 outubro/dezembro 2023

Revista Científica
SISTEMÁTICA

 **hawking**
EDITORA

Revista Sistemática
v.12 n.2 outubro/dezembro 2023

Maceió - AL
2023



EDITORIAL: Betijane Soares de Barros
REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autores
DIAGRAMAÇÃO: Luciele Vieira da Silva
DESIGNER DE CAPA: Editora Hawking
IMAGENS DE CAPA: <https://pixabay.com/pt/illustrations/caos-pedido-cabe%C3%A7a-sentimentos-3098693/>

O padrão ortográfico, o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas do autor. Da mesma forma, o conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor.



A Revista Dimensão está sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

NOTAS DO EDITOR

Para baixar o PDF de cada artigo da Revista Dimensão a partir do seu smartphone ou tablet, escaneie o QR code publicado na capa da revista, o qual irá remeter para a página da editora, local onde se encontra a mostra da versão digital.

Revista Sistemática / Editora Hawking
- Vol 12, n.2 (2023) – Maceió – AL: Editora
Hawking, 2023 – Trimestral

ISSN 2675-5238

1. Revista Sistemática – Periódicos I. Brasil, Editora Hawking

Editora Hawking
2023

Av. Comendador Francisco de Amorim Leão, 255 - Farol, Maceió - AL, CEP 57057-780

Disponível em: www.editorahawking.com.br editorahawking@gmail.com

DIREÇÃO EDITORIAL

Dr^a Betijane Soares de Barros

Instituto Multidisciplinar de Alagoas

– IMAS

<http://lattes.cnpq.br/4622045378974366>

CONSELHO EDITORIAL

Dr^a. Adriana de Lima Mendonça

Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2001)

Mestre em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2004)

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2009)

Pós-doutorado em Biotecnologia através do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD/RENORBIO/CAPES, 2014)

<http://lattes.cnpq.br/0381713043828464>

Dr. Anderson de Alencar Menezes

Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP,

1998) Bacharel em Teologia pelo Centro Unisal - Campus Pio XI (São Paulo)

(UNISAL, 2002) Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco

(UFPE, 2005)

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO, Portugal, 2009) <http://lattes.cnpq.br/3996757440963288>

Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli

Bacharel em Farmácia pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió (CESMAC,

Licenciada em Educação Física pela Universidade Claretiano (CLARETIANO,

2019) Tecnóloga em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade

Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL, 2015)

Especialista em Nutrição Materno-Infantil pela Unyleya Editora e Cursos S/A,

(UNYLEYA, 2017)

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Farmácia Clínica Direcionada à Prescrição Farmacêutica pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA, 2017)

Especialista em Análises Clínicas pela Unyleya Editora e Cursos S/A, (UNYLEYA,

2016) Especialista em Plantas medicinais: manejo, uso e manipulação pela

Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2001)

Especialista em Farmacologia: Atualizações e Novas Perspectivas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA, 2002)

Mestre em Modelagem Computacional de Conhecimento pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2011).

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2015).

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

Dr. Eduardo Cabral da Silva

Graduado em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006)
Graduado em Matemática pelo Centro de Ensinos Superiores de Maceió
(CESMAC, 2015) Mestre em Meteorologia pela Universidade Federal de Alagoas
(UFAL, 2010) Doutor em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE, 2018) <http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

Dr. Fábio Luiz Fregadoli

Bacharel em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM,
1996) Mestre em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM,
2000)
Doutor em Zootecnia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
(UNESP, 2004) <http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

Dr^a. Jamyle Nunes de Souza Ferro

Bacharel em Farmácia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL,
2009) Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas
(UFAL, 2012)
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas
(UFAL, 2016) Pós-doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE, 2018) <http://lattes.cnpq.br/2744379257791926>

Dr^a. Laís Agra da Costa

Graduada em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL,
2011) Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Alagoas
(UFAL, 2014)
Doutora em Ciências Biológicas (Biofísica) pela Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ, 2018) <http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

Dr. Patrocínio Solon Freire

Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco
(UNICAP, 2000) Bacharel em Teologia pela Universidade Pontifícia
Salesiana (UPS- Itália, 2004) Especialista em Comunicação Social pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo (PUC- SP, 2004) Especialista em Gestão
Educativa pela Faculdades Integradas Olga Mettig (FAMETTIG, 2006) Mestre em
Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2009) Doutor em
Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2014)
<http://lattes.cnpq.br/5634998915570816>

Dr. Rafael Vital dos Santos

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL,
2006) Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL,
2010) Especialista em Diagnóstico Molecular pela Faculdade Pernambucana de Saúde
(FPS, 2014) Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de
Alagoas (UFAL, 2010)
Doutor em Materiais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2014)
<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

AVALIADORES DESTE NÚMERO

Dr^a. Andrea Marques Vanderlei Fregadolli

<http://lattes.cnpq.br/5455567894430418>

Dr. Eduardo Cabral da Silva

<http://lattes.cnpq.br/2609068900467599>

Dr. Fábio Luiz Fregadolli

<http://lattes.cnpq.br/7986638670904115>

Dr^a. Laís Agra da Costa

<http://lattes.cnpq.br/2066151967059720>

Dr^a. Lucy Vieira da Silva Lima

<http://lattes.cnpq.br/0010369315381653>

Dr. Rafael Vital dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/3000684462222111>

EDITORIAL

A revisão sistemática com ou sem metanálise é uma pesquisa secundária, pois reuni estudos que já foram analisados cientificamente, chamados de primários, para responder uma questão específica de pesquisa. Este tipo de revisão de literatura é planejada e obedece a critérios de inclusão e exclusão. É possível evitar e superar os possíveis vieses que o pesquisador possa ter durante a seleção e análise de um tema, com a aplicação de estratégias científicas por meio desta metodologia (PERISSÉ; GOMES; NOGUEIRA, 2001; GALVÃO; SAWADA; TREVISAN, 2004). Ao reunir resultados de várias pesquisas e descrever os níveis de evidência científica de cada documento avaliado, o leitor perceberá a credibilidade da revisão. A revisão sistemática é abrangente, imparcial e reproduzível. Este processo de revisão de literatura localiza, avalia e sintetiza o conjunto de evidências dos estudos científicos para se obter uma visão ampla e confiável da estimativa do efeito da intervenção (HIGGINS; GREEN,2009).

A sistematização proporciona a análise crítica quantitativa e/ou qualitativa, esta última permite o desenvolvimento de categorias temáticas e subcategorias, que levam a discussão dos resultados analisados dos documentos científicos, de maneira sintetizada e integrada. A revisão sistemática integrativa é um tipo de revisão de literatura também planejada, mas que integra metodologias diferentes, ou cruzamento de descritores, ou conhecimento empírico com o científico. Pode também integrar opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas analisadas (WHITEMORE; KNAFL, 2005). Na maioria das vezes sua natureza é qualitativa.

As características metodológicas dos trabalhos científicos são classificadas conforme o nível de evidência, segundo a proposta de Melnyk e Fineout-Overholt, em: I - Evidências provenientes da revisão sistemática ou metanálise de dados relevantes, ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados; II - Evidências derivadas de, pelo menos, um ensaio clínico randomizado controlado bem delineado; III - Evidências obtidas de ensaios clínicos bem delineados sem randomização; IV - Evidências provenientes de estudos de coorte e de caso controle bem delineados; V - Evidências originárias da revisão sistemática de estudos descritivos e qualitativos; VI - Evidências derivadas de um único estudo descritivo ou qualitativo e VII- Evidências oriundas da opinião de autoridades e/ou relatórios de comitês de especialistas.

Os resultados das revisões Sistemáticas proporcionam a Prática Baseada em Evidências (PBE). A PBE é um movimento que surgiu para integrar a teoria à prática, com

finalidade de reunir, aplicar e avaliar os melhores resultados de pesquisa para uma conduta clínica eficaz, segura e acessível.

A tomada de decisão, na PBE, incorpora a busca da melhor e mais recente evidência, competência clínica do profissional, valores e preferências do paciente ao cuidado prestado (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008), quando aplicada na área da saúde. Observa-se que as revisões sistemáticas, com ou sem metanálise, provenientes de dados relevantes, ensaios clínicos randomizados controlados ou oriundas de diretrizes clínicas baseadas em revisões sistemáticas de ensaios clínicos randomizados controlados estão no topo da evidência. Contudo, todas as áreas do conhecimento podem ser contempladas com o método da revisão sistemática integrativa, pois aproxima o pesquisador da problemática que deseja investigar, traçando um panorama sobre sua produção científica, a fim de conhecer a evolução do tema ao longo do tempo, em diferentes contextos, como também conduzir caminhos para pesquisas futuras (BOTELHO; CUNHA; MACEDO; 2011).

Seguem, a seguir, as seis etapas da revisão sistemática integrativa (WANDERLEY FILHO; FERREIRA, 2019): 1ª) Escolher tema, pergunta norteadora, objetivo geral, estratégias de busca, bancos de terminologias, descritores livres e estruturados, stringde busca e bibliotecas virtuais; 2ª) Definir período de coleta dos dados, critérios de inclusão, critérios de exclusão; 3ª) Selecionar o número de trabalhos para revisão sistemática integrativa a partir da leitura dos agentes indexadores das publicações (resumo, palavras-chave e título) e resultados, os quais devem conter os descritores utilizados no estudo; 4ª) Desenvolver categorias temáticas por meio da análise dos trabalhos científicos investigados; 5ª) Analisar, interpretar e discutir os resultados; 6ª) utilizar tecnologias digitais para otimizar o tempo e apresentar a revisão em formato de artigo, o qual contemple propostas para estudos futuros.

Ferramentas oriundas de tecnologias digitais contribuem para o aprimoramento e qualidade das revisões sistemáticas, tais como: bancos de terminologias (DECS, MESH), que possibilitam o uso de descritores codificados para a eficiência do levantamento das publicações científicas; como também as bibliotecas virtuais (Periódicos da CAPES, ScienceDirect, Wiley, PubMed, Mendline, Scopus, Scielo...), que facilitam a acessibilidade aos trabalhos científicos, que estão sendo publicados em todo o mundo.

SUMÁRIO

AS PRÁTICAS LÚDICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS	
Lindinalva Ramos da Silva	
Cleidejane Soares de Barros.....	01
O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO NA DINÂMICA FAMILIAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Luci Souza de Meneses	
Lucília Maria da Silva Soares	
Betijane Soares de Barros.....	15
OS IMPACTOS DO BULLYING NOS PROFESSORES E A RELEVÂNCIA DO ECA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS	
Ivanete Maria da Silva Alves	
Eduardo Cabral da Silva.....	47
A INCLUSÃO DAS PPNES NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES	
Poliana Paulino da Silva	
Juliana Nobre Nobrega	
Carla Waleska Gomes de Araújo	
Cleidejane Soares de Barros	
Alecy Melo dos Santos.....	58
INTERAÇÃO ENTRE A INTERNET E O METAVERSO	
Anderson Ricardo Barros Silva	
Cleidejane Soares de Barros.....	73



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

AS PRÁTICAS LÚDICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

Lindinalva Ramos da Silva¹
Cleidejane Soares de Barros²

RESUMO

A pesquisa possui como tema as práticas lúdicas no processo de alfabetização de crianças autistas. O presente estudo procura responder à pergunta norteadora: Como as práticas lúdicas podem influenciar no desenvolvimento e processo de alfabetização de crianças autistas? A pesquisa analisou produções científicas publicadas entre 2019 e 2023, nas plataformas Scielo e Periódicos Capes. Tendo como objetivo geral: demonstrar a importância das práticas lúdicas para o desenvolvimento do processo de alfabetização de crianças autistas. Utilizando os descritores estruturados no DeCS e MeSH. O período de coleta dos dados correu no mês de maio de 2023. Utilizou-se como critério de inclusão artigos científicos pertinentes ao tema e com no máximo 5 anos de publicação e, como critérios de exclusão, artigos científicos que não consideram a temática. Com isso, conclui-se que realmente as práticas lúdicas devem fazer parte da metodologia de ensino das instituições de educacionais, principalmente, se recebem alunos com TEA, e, da prática pedagógica dos professores que desejam o desenvolvimento pleno do processo de alfabetização de crianças com TEA.

Palavras-chave: Alfabetização; TEA; Práticas Lúdicas.

¹ E-mail: lindinalva989@gmail.com.

² E-mail: dr.csb@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A pesquisa possui como tema as práticas lúdicas no processo de alfabetização de crianças autistas, por tratar-se de temática de importância relevante diante do aumento de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista – TEA (CHICON et al., 2018a).

Inicialmente, cabe ressaltar a necessidade de alfabetização das crianças com TEA. O TEA apresenta-se como um transtorno de desenvolvimento que pode aparecer durante o início da infância que pode atingir o desenvolvimento cognitivo, a linguagem e as habilidades de socialização e interação com o meio estar inserido (ARAÚJO; SEABRA JUNIOR, 2021).

Dentro de processo de alfabetização de crianças com TEA, com destaca-se a importância da utilização de práticas lúdicas como forte aliada dentro desse processo, por proporcionar o desenvolvimento de várias habilidades educacionais e sociais, permitindo que o aprendizado ocorra de forma eficiente, mais rápida e plena (SANTO; JUNIOR; MILAN; CAMPO, 2023).

O presente estudo procura responder à pergunta norteadora: Como as práticas lúdicas podem influenciar no desenvolvimento e processo de alfabetização de crianças autistas?

Tendo como objetivo geral: demonstrar a importância das práticas lúdicas para o desenvolvimento do processo de alfabetização de crianças autistas.

MÉTODOLOGIA

No presente artigo adotou-se como metodologia a revisão sistemática, que possui as etapas apresentadas no quadro 1. Analisando os artigos pré-selecionados e selecionados através da leitura dos agentes indexadores das publicações, como resumos, palavras-chave e títulos; formação de uma biblioteca individual, bem como, a avaliação crítica dos estudos selecionados; análise, interpretação e discussão dos resultados e a exposição da revisão no formato de artigo, que apresenta sugestões para estudos futuros.

Quadro 1 – Etapas da Revisão Sistemática

ETAPA	TÓPICOS DE CADA ETAPA	DETALHAMENTO DE CADA TÓPICO			
1ª	Tema	As práticas lúdicas no processo de alfabetização de crianças autistas			
	Pergunta norteadora	Como as práticas lúdicas podem influenciar no desenvolvimento e processo de alfabetização de crianças autistas?			
	Objetivo geral	Demonstrar a importância das práticas lúdicas para o desenvolvimento do processo de alfabetização de crianças autistas			
	Estratégias de busca	Cruzamento de descritores por meio do operador booleano AND; Uso de descritores estruturados (codificação) no DECS ou MESH; Uso de metadados (filtros).			
	Bancos de terminologias	Banco	Link		
		DeSC	http://decs.bvs.br/		
		MeSH	https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh		
	Descritores livres e estruturados	Descritores	Descritores	DeSC (Registro)	MeSH (Identificador Único)
		Autismo	1327		D001321
	String de busca	Alfabetização	56073		D000067010
Educação AND Autismo		Educação AND Autismo AND Criança			
Bibliotecas Virtuais	Link				
	SciELO	https://search.scielo.org/			
2ª	Período de coleta dos dados	julho de 2023			
	Critérios de inclusão	1. Texto (artigos de espécie científico). 2. Publicação (2018-2023).			
	Critérios de exclusão	1. Artigos que não contemplam a temática “Sistema Educacional e Pandemia”.			
3ª	Número de trabalhos selecionados para revisão sistemática a partir da leitura dos agentes indexadores das publicações (tema, descrição, ementa).	15			
4ª	Categorias obtidas com a análise dos documentos investigados online gratuitos e de livre acesso.	02			
5ª	Tecnologias digitais utilizadas	Tecnologia (software ou website)	Link	Utilidade	
		WordArt: Nuvem de palavras	https://wordart.com/	Construir nuvem de palavras e frequência das palavras-chave para criar as categorias temáticas.	

Fonte: Elaborada pela autora.

RESULTADOS**Quadro 2** – Total de documentos disponíveis nas Bibliotecas virtuais

String de busca	Bases de dados Plataforma	Total de publicações sem o filtro	Publicações disponíveis após aplicar os filtros	Publicações aproveitadas na Revisão Sistemática
Educação Autismo	AND Scielo	150	71	12
Educação Autismo AND Criança	AND Periódicos Capes	366	171	3
	TOTAL	516	242	15

Fonte: Elaborada pela autora.

De acordo com o quadro acima, as bibliotecas virtuais pesquisadas disponibilizaram um total de 516 artigos científicos pertinentes a pesquisa, desses, 242 artigos científicos resultaram após a

utilização de filtros, e foram feitos 15 downloads, por atenderem aos critérios de inclusão, sendo submetidos às etapas da revisão sistemática.

Quadro 3 - Descrição dos artigos conforme os critérios de inclusão.

ART.	AUTOR	TEMA	ANO	CONCLUSÃO
01	Gisele Soares Lemos Shaw Leonésia Leandro Rafaela Rocha- Oliveirac	Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista	2020	Observou-se a ausência de contato da maioria dos profissionais com pessoas com autismo e a necessidade de ações para informar e discutir sobre essa temática.
02	Cláudia Lilian Alves dos Santos Celso dos Anjos Junior Davi Milan Fábio Luiz Mação Campos	Práticas de inclusão de alunos autistas na educação infantil: do lúdico ao uso de software	2023	Os resultados mostraram que a abordagem lúdica tem sido a mais frequente, porém existe uma grande variedade de intervenções sendo realizadas de forma efetiva. As intervenções levantadas e as análises desses estudos fornecem importantes subsídios para a atuação de docentes, outros profissionais e pesquisadores de crianças com TEA.
03	Dayane Fernanda Borges de Araújo Walker Fábio Alexandre Borges	Relações possíveis entre concepções e práticas docentes com estudantes autistas nas aulas de matemática	2022	A partir das categorias definidas, foi possível concluir que: a) as práticas com estudantes autistas são diferenciadas das práticas desenvolvidas com os demais estudantes; b) na concepção dos sujeitos da pesquisa, a inclusão do estudante autista se mostra

				desafiadora aos envolvidos neste percurso; c) a falta de formação inicial e continuada e a inexperience com autistas dentro e fora do contexto escolar torna o conhecimento acerca do autismo ainda mais precário e, por conta disso, a atuação do professor enquanto mediador no processo de inclusão torna-se limitada; d) há necessidade de apoio estrutural para que a prática docente com estudantes autistas aconteça de modo mais adequado; e) a Matemática é uma disciplina que favorece o ensino e a aprendizagem do autista, quando abordada a partir de metodologias práticas, com temáticas voltadas ao cotidiano desses estudantes; e f) há valorações acerca do uso de tecnologias digitais em práticas com estudantes autistas.
04	Cristiane Makida Dyonisio Roberto Gimenez	Status sociométrico de alunos com deficiência intelectual e com transtorno do espectro do autismo na educação infantil e ensino fundamental	2020	Conclui-se que o tempo de convívio entre os sujeitos é um fator determinante na criação de vínculo. Além disso, identificou-se que, mais do que a deficiência, a dimensão subjetiva parece ser um fator crucial no processo de interação.
05	Gisele Weissheimer-Kaufmann Verônica de Azevedo Mazza Victoria Beatriz Trevisan Nobrega Martins Ruthes Lucas Ferrari de Oliveira	Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo	2022	Conclusion: this educational resource has the potential to contribute in health education for the families of autistic children.
06	José Francisco Chicon Ivone Martins de Oliveira Gabriel Vighini Garozzi Marcos Ferreira Coelho Maria das Graças Carvalho Silva de Sá	Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo	2018	A pesquisa permite constatar que o trabalho desenvolvido em ambiente social inclusivo, potencializado pela ação mediadora dos adultos e colegas mais experientes, favorece que as crianças com autismo apresentem atitudes que apontam sua predisposição para compartilhar brincadeiras com os colegas.
07	João Otacilio Libardoni dos Santos Geyse Patrizia Teixeira Sadim	O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede	2021	Constatou-se que os elementos problematizados neste estudo explicitam a compreensão de que o processo de inclusão, por meio do AEE, perpassa pelas políticas

	Carlo Schmidt Maria Almerinda de Souza Matos	municipal de Manaus-AM		públicas de educação inclusiva e aponta que a organização e o funcionamento das SRM são fundamentais na construção de contextos inclusivos para os educandos com autismo.
08	Clariana Andrioli Romeu Rosana Ap. Salvador Rossit	Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo	2022	Os estudos demonstraram a necessidade de pesquisas na área da Educação; de adesão dos responsáveis durante o tratamento; e de aprimoramento na comunicação e na integração entre escola e família. As análises mostraram que os profissionais necessitam de formação específica, de modo a compreenderem o trabalho interprofissional como um processo dinâmico no qual as diferentes profissões devem trabalhar de modo integrado para identificar as demandas, construir os planos de intervenção e (re)conhecer os papéis e as responsabilidades dos profissionais da equipe.
09	Sofia Seixas Takinaga Ana Lúcia Manrique	O uso da tecnologia e suas contribuições para a formação integral do aluno com transtorno do espectro autista e do aluno com deficiência intelectual nas aulas de matemática	2022	Como conclusão, apesar de se tratar de grupos de alunos distintos e com particularidades muitas vezes consideradas como ímpares, identificou-se resultados similares em relação às mesmas estratégias aplicadas, o que leva a concluir que a flexibilização oferecida pelo uso da tecnologia contribui para a construção de uma prática não homogeneizada que possa atender as singularidades de todos os alunos, possibilitando que aprendam em um mesmo ambiente.
10	Lyanny Araujo Francês Amélia Maria Araújo Mesquita	As experiências nos espaços-tempos da escola sob o olhar de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo	2021	Assim, sobressai a premência da auscultação da criança em suas múltiplas formas de expressão, a fim de contribuir para a efetivação de práticas educativas assentes em saberes que a respeitem em seus traços geracionais, rompendo com os modos lineares de pensar a estrutura organizacional dos espaços--tempos da escola.
11	José Francisco Chicon Ivone Martins de Oliveira Mônica Frigini Siqueira	O movimento e a emergência do jogo de papéis na criança com autismo	2020	O estudo realizado indica percursos singulares no desenvolvimento do jogo de papéis na brincadeira dessas crianças, seguindo uma direção que parte de interesses e movimentos restritos e ausência de linguagem verbal; percorre um caminho de ampliação e diferenciação do

				movimento, com presença de vocalizações associadas a funções psíquicas mais elaboradas; e tem como ponto de chegada um processo articulado de delineamento de gestos, linguagem verbal e jogo de papéis.
12	José Francisco Chicon Ivone Martins de Oliveira Rosely da Silva Santos Maria das Graças Carvalho Silva de Sá	A brincadeira de faz de conta com crianças autistas	2018	As análises indicam que a criança com autismo pode desenvolver o jogo imaginário de forma mais elaborada, desde que lhe sejam ofertadas condições para isso e, nesse processo, o papel mediador do professor é fundamental.
13	Antonio Cesar Gontijo Silva Assuncao Montezuma Andalecio Camila Graciella Santos Gomes Analice Dutra Silveira Ianaíara Marprates Oliveira Robson Cardinali Castro	Efeitos de 5 Anos de Intervenção Comportamental Intensiva no Desenvolvimento de uma Criança com Autismo	2019	Os resultados gerais indicaram ganhos no desenvolvimento da criança e a viabilidade da capacitacao dos cuidadores para esse tipo de intervencao.
14	Gisele Silva Araújo Manoel Osmar Seabra Junior	Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática	2021	Com base na análise de conteúdo, concluiu-se que a mera inserção de jogos digitais na vida de estudantes com autismo não é suficiente para oportunizar o treino de competências e a aquisição de novas habilidades, necessárias à sua inclusão educacional e social, mais do que isso, é preciso planejar jogos na perspectiva do codesign, considerando as especificidades e as características universais do autismo.
15	Débora Deliberato Fernanda Delai Lucas Adurens Aila Narene Dahwache Criado Rocha	Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto	2021	Os resultados ilustraram a importância da mediação do adulto na atividade da narração de histórias como um instrumento para o acesso à linguagem e às habilidades comunicativas das crianças envolvidas durante o processo de mediação.

Fonte: Bibliotecas virtuais Scielo e Periódicos Capes, 2023.

Através da utilização da Plataforma online *WordArt*, as conclusões dos artigos escolhidos foram analisadas por meio da frequência de palavras, que forma a nuvem de palavras (Figura 1).

O *WordArt* é uma ferramenta que agrupa e organiza graficamente as palavras-chave demonstrando as mais frequentes, colaborando para definição das categorias que irão formar a presente pesquisa.

Figura 1 - Nuvem de Palavras



Fonte: Elaborada pela autora.

As categorias foram elaboradas a partir da Nuvem de Palavras (Figura 1), com base nas palavras destacadas de acordo com a análise de conteúdo de Bardin. Assim, a Tabela 1 apresenta a frequência de palavras

e as categorias obtidas. Em consonância com o objetivo da pesquisa, prevaleceu as palavras que apresentaram maior frequência e que possuem sentido para pesquisa.

Tabela 1 - Frequência das palavras - Plataforma *WordArt*.

PALAVRAS	FREQUÊNCIA	CATEGORIAS
Autismo	17	Processo de alfabetização de crianças com espectro autista
Lúdico	15	
Educação	12	
Processo	12	
Alfabetização	10	A importância das práticas lúdicas na alfabetização de crianças com Transtorno Do Espectro Autista – TEA
Práticas	9	
Lúdicas	9	
Professor	8	

Fonte: Elaborada pela autora.

DISCUSSÕES

1 PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM ESPECTRO AUTISTA

Para todas as pessoas, com deficiência ou não, as habilidades de ler e escrever são essenciais para a vida em comunidade, pois, facilitam e promovem a comunicação, socialização, a independência, a autoestima, a leitura do mundo que os envolve, além de proporcionar desenvolvimento amplo em vários setores sociais como o acadêmico, o profissional, dentre outros (CHICON, et al., 2018b).

Assim, saber ler e escrever, vai além do citado acima, pois, significa inclusão para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (ANDALECIO, 2019).

A alfabetização é um processo da aprendizagem inicial da leitura e escrita, ou seja, do sistema alfabético e de suas convenções, que visa ensinar uma pessoa a ler, escrever e interpretar a partir da

compreensão do sistema alfabético (ARAÚJO; SEABRA JUNIOR, 2021).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, compreende a alfabetização como sendo um processo que possibilita que a criança codifique e decodifique os sons da língua em material gráfico, assim sendo, nas letras (SANTO; JUNIOR; MILAN; CAMPO, 2023).

Desde modo, pode-se compreender a alfabetização como parte de um processo cognitivo, no qual existem habilidades que necessitam ser desenvolvidas em todos os indivíduos, independente de qualquer condição, que antecedem a leitura e escrita (DYONISIO; GIMENEZ, 2020).

Necessariamente, a criança aprende primeiro a ler (decodificação – relação letra / som) e, depois, a escrever (codificação – processo mais difícil). Assim, quando se tem uma leitura fluente, como consequência, se tem uma boa escrita (CHICON et al., 2018a).

Mas, quando se trata de alunos com TEA, a forma de alfabetizar deve ser diferente da alfabetização de crianças típicas (SHAW; LEANDRO; ROCHA-OLIVEIRA, 2020).

Essa diferença ocorre na metodologia que deve ser utilizada, no tempo que esse processo levará e na compreensão das suas características específicas (WALKER; BORGES, 2022).

Na grande maioria, as instituições escolares não levam em consideração as particularidades de um aluno com TEA em suas metodologias, bem como, o período maior que essa criança pode precisar para desenvolver determinadas habilidades, o que causa bastante frustração (SANTO; JUNIOR; MILAN; CAMPO, 2023).

A alfabetização deve ocorrer de forma personalizada, pois, cada criança com autismo tem características próprias (mais visuais, sonoras ou atividades manuais), como qualquer criança, e percebe o mundo de maneira diferente. Por isso, é importante que os envolvidos no processo educacional da criança observem, façam testes e levantem as dificuldades e habilidades dessas crianças, para, com base nessas características próprias, sejam pensadas metodologias que se adequem e invistam

no que houver maior adesão (WALKER; BORGES, 2022).

Diante dessas considerações, cabe citar os 5 fatores que compõem o processo estruturado de alfabetização de crianças com TEA, que são eles: consciência fonológica; princípio alfabético; instrução fônica; instrução explícita e abordagem multissensorial (CHICON, et al., 2018b).

Como visto, as crianças têm estilos de aprendizagem próprios. Assim, alguns são mais visuais precisando desenhar ou escrever para aprender, já outros tem facilidade em aprendem através dos sons, bastando, por exemplo, apenas da explicação falada pelo professor (ARAÚJO; SEABRA JUNIOR, 2021).

Deste modo, se a criança tem interesses restritos por algum tema, isso deve ser observado no processo de alfabetização. As atividades devem adaptadas para se adequar a área de interesse do aluno com autismo (ARAÚJO; SEABRA JUNIOR, 2021).

2. A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LÚDICAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

A utilização da ludicidade no processo de alfabetização de crianças

com TEA, tem aberto muitas discussões no meio acadêmico (FRANCÊS; MESQUITA, 2021).

No entanto, cabe destacar que é por meio das atividades lúdicas que a criança desenvolve diversas áreas do conhecimento e habilidades, e compreende valores e comportamentos (sociais), e ainda, exercita-se fisicamente (CHICON; OLIVEIRA; SIQUEIRA, 2020).

A atividade lúdica traz a ideia do aprender brincando, ou seja, vai além da brincadeira, na verdade, a brincadeira gera a sensação de prazer e quando se faz algo com prazer, o desenvolvimento ocorre mais rapidamente e eficaz, assim, utiliza-se a brincadeira, a diversão para desenvolver o ensino-aprendizagem (SANTOS et al., 2021).

Quando se trata de crianças com TEA, a atividade lúdica passa a ter uma função de extrema importância para o desenvolvimento motor, imaginário cógico e, além disso, social da criança (DELIBERATO; ADURENS; ROCHA, 2021).

A atividade lúdica pode ser compreendida como uma atividade que proporciona a plenitude da experiência, que pode ser uma atividade divertida ou não, mas, no entanto, deve servir como fator de aprimoramento e crescimento,

seja ele físico, cognitivo e/ou psicológico, objetivando o aprendizado presente e futuro (DELIBERATO; ADURENS; ROCHA, 2021).

Ao direcionar o olhar lúdico para as crianças com TEA, que apresentam características especiais próprias, que exige uma dimensão maior do trabalho do professor, a ludicidade ganha destaque como ferramenta dinâmica para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos (ROMEU; ROSSIT, 2022).

Assim, ao utilizar a ludicidade no processo de alfabetização das crianças com TEA, tem-se como prioridade a concentração, desenvolver movimentos que acentuem a sua consciência sensorial motor, fino e grosso (TAKINAGA; MANRIQUE, 2022).

Deve-se buscar trazer para a prática docente elementos, objetos lúdicos que possam ser utilizados na sala de aula com propósito específico de alfabetizar, como por exemplo, as atividades afetivas que são essenciais para interação das crianças autistas (WEISSHEIMER-KAUFMANN et al., 2022).

Para que a ludicidade tenha a abrangência desejada do processo educacional é necessário a presença de um mediador, no caso, o professor, para fazer essa ponte entre a criança autista e

a aprendizagem, respeitando suas limitações, particularidades, o nível de aprendizado e o tempo que criança com TEA necessita (SANTOS et al., 2021).

Deste modo, para se obter um ensino-aprendizagem eficiente, é essencial aprimorar as técnicas e didáticas e implantar uma prática inovadora e prazerosa, na qual se enquadra o método lúdico (SANTOS et al., 2021).

A utilização de métodos lúdicos na Psicopedagogia contribui para que os alunos possam alcançar um bom desenvolvimento. Assim, os jogos se destacam, quando usados como intervenção psicopedagógica, pois, desenvolvem os aspectos cognitivos, a expressão motora e, também, corporal. Dessa forma, o desenvolvimento da aprendizagem é mais expressivo para a criança com TEA, sendo mais efetiva (FRANCÊS; MESQUITA, 2021).

Diante de tais considerações, não há como negar o papel importante e essencial que as práticas lúdicas exercem dentro processo de alfabetização de qualquer criança, em especial, de crianças com TEA (FRANCÊS; MESQUITA, 2021).

CONCLUSÃO

A pesquisa debruçou-se sobre a importância do lúdico no processo de alfabetização das crianças com TEA. E objetivou responder à pergunta norteadora de como as práticas lúdicas podem influenciar no desenvolvimento e processo de alfabetização de crianças autistas.

O processo de alfabetização de crianças com TEA, enfrenta algumas dificuldades como as instituições escolares não levarem em consideração as particularidades desse usuário.

Quando se trata de alunos com TEA, a forma de alfabetizar deve ser diferente da alfabetização de crianças típicas. Deve ocorrer uma mudança metodológica para atender as particularidades das crianças com TEA.

O método lúdico apresenta-se como instrumento essencial dentro do processo de alfabetização de qualquer criança, especialmente, de crianças com TEA, pois, proporciona, na realização das tarefas e atividades, prazer, devido utilização de brincadeiras. Assim, o cérebro reage positivamente e, com isso, o desenvolvimento da aprendizagem ocorre.

Com isso, conclui-se que realmente as práticas lúdicas devem fazer parte da metodologia de ensino das

instituições de educacionais, principalmente, se recebem alunos com TEA, e, da prática pedagógica dos professores que desejam o desenvolvimento pleno do processo de alfabetização de crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

ANDALECIO, A. C. G. S. A. M. Efeitos de 5 Anos de Intervenção Comportamental Intensiva no Desenvolvimento de uma Criança com Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.25, n3, p.389-402, Jul.-Set., 2019.

ARAÚJO, G. S.; SEABRA JUNIOR, M. O. Elementos fundamentais para o design de jogos digitais com o foco no treino de competências e habilidades de estudantes com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 102, n. 260, p. 120-147, jan./abr. 2021.

CHICON, J. F. et al. A brincadeira de faz de conta com crianças autistas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 581-592, abr./jun. de 2018.

CHICON, J. F. et al. Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 41, 2018.

CHICON, J. F.; OLIVEIRA, I. M.; SIQUEIRA, M. F. O movimento e a emergência do jogo de papéis na criança com autismo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26021, 2020.

DELIBERATO, D.; ADURENS, F. D. L.; ROCHA, A. N. D. C.. Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.27, e0128p.73-88, Jan.-Dez., 2021.

DYONISIO, C. M.; GIMENEZ, R. Status sociométrico de alunos com deficiência intelectual e com transtorno do espectro do autismo na educação infantil e ensino fundamental. **Revista Educação Especial**, v. 33, 2020.

FRANCÊS, L. A.; MESQUITA, A. M. A. As experiências nos espaços-tempos da escola sob o olhar de uma criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, e260026, 2021.

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. AP. S. Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Corumbá, v.28, e0114, p.639-641, Jan.-Dez., 2022.

SANTOS, C. L. A. dos; JUNIOR, C. dos A.; MILAN, D.; CAMPO, F. L. M. Práticas de inclusão de alunos autistas na educação infantil: do lúdico ao uso de software. **Revista Educar Mais**, v. 27, 2023.

SANTOS, J. O. L. et al. O atendimento educacional especializado para os educandos com autismo na rede municipal de Manaus-AM. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 102, n. 260, p. 99-119, jan./abr. 2021.

SHAW, G. S. L.; LEANDRO, L.; ROCHA-OLIVEIRA, R. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **REXE**, v. 20, n. 43, 2020.

TAKINAGA, S. S.; MANRIQUE, A. L. O uso da tecnologia e suas contribuições para a formação integral do aluno com transtorno do espectro autista e do aluno com deficiência intelectual nas aulas de matemática. **Journal Of Education**, v. 10, 2022.

WALKER, D. F. B. DE A.; BORGES, F. A. Relações possíveis entre concepções e práticas docentes com estudantes autistas nas aulas de matemática. **SciELO Preprints**, 2022.

WEISSHEIMER-KAUFMANN, G. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. **Cogitare Enferm.**, v. 27, 2022.



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO NA DINÂMICA FAMILIAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Luci Souza de Meneses¹
Lucília Maria da Silva Soares²
Betijane Soares de Barros³

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista cada vez mais tem despertado interesse no campo da saúde mental, uma vez que se percebeu a necessidade de compreendê-lo, diagnosticando-o precocemente, a fim de desenvolver intervenções eficazes para melhorar a qualidade de vida das pessoas afetadas. Com isso, o presente artigo se inseriu nesse contexto com o objetivo de evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar. Para tanto foi adotada uma abordagem exploratória qualitativa, fundamentada em revisão integrativa da literatura. A análise dos dados obtidos resultou na elaboração de duas categorias principais: (1) "Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Necessidade de Apoio", que examina as mudanças na estrutura familiar e nas relações interpessoais, bem como a demanda por suporte emocional e psicológico; e (2) "Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA", que explora as estratégias desenvolvidas pelas famílias para enfrentar os desafios e promover o bemestar diante do diagnóstico. Desse modo, este estudo contribui para um entendimento mais profundo acerca do impacto do TEA na dinâmica familiar, ressaltando a importância de abordagens sensíveis e de suporte multidimensional. A atuação do psicólogo emerge como um pilar fundamental para auxiliar as famílias a lidar com os desafios do autismo. Além disso, o delineamento das categorias ressalta a complexidade desse cenário e a necessidade de intervenções que considerem suas múltiplas dimensões. Futuras pesquisas devem continuar explorando esse tema, considerando as diferentes características culturais, etárias e socioeconômicas que permeiam as famílias impactadas pelo TEA.

Palavras chave: Transtorno do Espectro Autista; dinâmica familiar; impacto; apoio psicológico, resiliência.

¹ E-mail: lucimeneses2@gmail.com

² E-mail: luciliaglp@bol.com.br

³ E-mail: bj-sb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem recebido crescente atenção tanto no âmbito científico quanto na sociedade em geral. A compreensão do impacto desse diagnóstico na dinâmica familiar tornou-se uma preocupação central, dada a complexidade das implicações do TEA não apenas para o indivíduo diagnosticado, mas também para suas famílias.

O desafio de compreender e gerenciar as repercussões do autismo nas relações familiares motivou a presente pesquisa, que adotou uma abordagem exploratória qualitativa, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura. Assim, objetiva-se com esse estudo evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar, compreendendo as implicações psicológicas, emocionais e práticas que surgem a partir do diagnóstico do TEA.

Para alcançar essa meta, foram delineados objetivos específicos que buscam analisar o impacto do diagnóstico do TEA na estrutura familiar e nas relações interpessoais, identificar as necessidades de apoio tanto para o indivíduo autista quanto para os membros da família, avaliar a resiliência e a capacidade de adaptação familiar diante desse cenário e discutir o papel crucial do psicólogo no contexto da

dinâmica familiar afetada pelo autismo. Para tanto a presente pesquisa adotou uma abordagem exploratória qualitativa, realizando uma revisão integrativa.

O autismo, como condição multifacetada, manifesta-se de maneiras variadas, o que exige uma compreensão aprofundada de como suas implicações reverberam no núcleo familiar. Ao explorar o impacto do TEA na dinâmica familiar, este estudo visa contribuir para um melhor entendimento dos desafios e das estratégias de enfrentamento desenvolvidas pelas famílias. Essa compreensão é essencial para a concepção de intervenções psicossociais mais eficazes, que possam oferecer suporte integral às famílias afetadas pelo autismo.

Diante disso, espera-se contribuir para o aprimoramento das práticas de apoio e intervenção direcionadas a famílias que enfrentam os desafios do autismo. Além disso, destaca-se a relevância de futuras investigações que explorem ainda mais a complexidade desse fenômeno, considerando suas nuances em diferentes contextos culturais, etários e socioeconômicos.

METODOLOGIA

O estudo da temática abordada permite evidenciar o impacto do diagnóstico de autismo na dinâmica

familiar. Nesse contexto, a presente pesquisa adotou uma abordagem exploratória qualitativa, realizando uma revisão integrativa de literatura, com o objetivo de identificar e analisar as produções científicas relacionadas ao tema, abrangendo o período de 2018 a 2023.

A escolha dessa metodologia permitiu a análise e síntese de dados provenientes de estudos anteriores, enriquecendo a compreensão sobre o assunto em questão. Com base nos objetivos delineados, optou-se pela abordagem exploratória, que, conforme Gil

(2002), oferece uma compreensão mais aprofundada do tema e auxilia na explicitação de conceitos ou no desenvolvimento de hipóteses. Para conduzir essa revisão, foram seguidas as etapas recomendadas por Ganong (2011, apud MORAES; BARRETO, 2016), que incluem a definição da temática, a seleção de artigos, a determinação das informações a serem extraídas, a avaliação dos estudos incluídos, a interpretação dos dados e a apresentação da revisão, como ilustrado no quadro 1 e detalhado a seguir.

Quadro 1 – Detalhamento das etapas da Revisão Integrativa de Literatura

ETAPA	TÓPICOS DE CADA ETAPA	DETALHAMENTO DE CADA TÓPICO
1ª	Objetivo geral	Evidenciar o impacto do autismo na dinâmica familiar.
	Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar como o diagnóstico do TEA afeta a estrutura e as relações familiares, considerando os desafios emocionais e práticos enfrentados pelos membros da família. - Identificar as necessidades de apoio emocional e psicológico para as famílias que convivem com o autismo, tanto para o indivíduo diagnosticado quanto para os demais membros familiares, destacando a atuação do psicólogo como mediador desse processo de suporte. - Avaliar a resiliência e a capacidade de adaptação das famílias diante do diagnóstico do autismo, investigando as estratégias desenvolvidas para enfrentar os obstáculos e promover o bemestar familiar
	Estratégias de busca	Cruzamento de descritores por meio do operador booleano AND; Uso de aspas nos politermos (descriptor com mais de um termo) para que a varredura de artigos científicos contemple o termo exato; Uso de filtro do tipo data de publicação.
	Descritores	"impacto", "diagnóstico", "autismo", "dinâmica familiar", "família" e "transtorno do espectro autista".
	Bases de dados online e motores de busca	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO); Google Acadêmico.
	Critérios de inclusão	Texto completo (disponível/free) do tipo: artigo original, artigo de revisão, artigo na imprensa. Publicações realizadas entre 2018 e 2023.

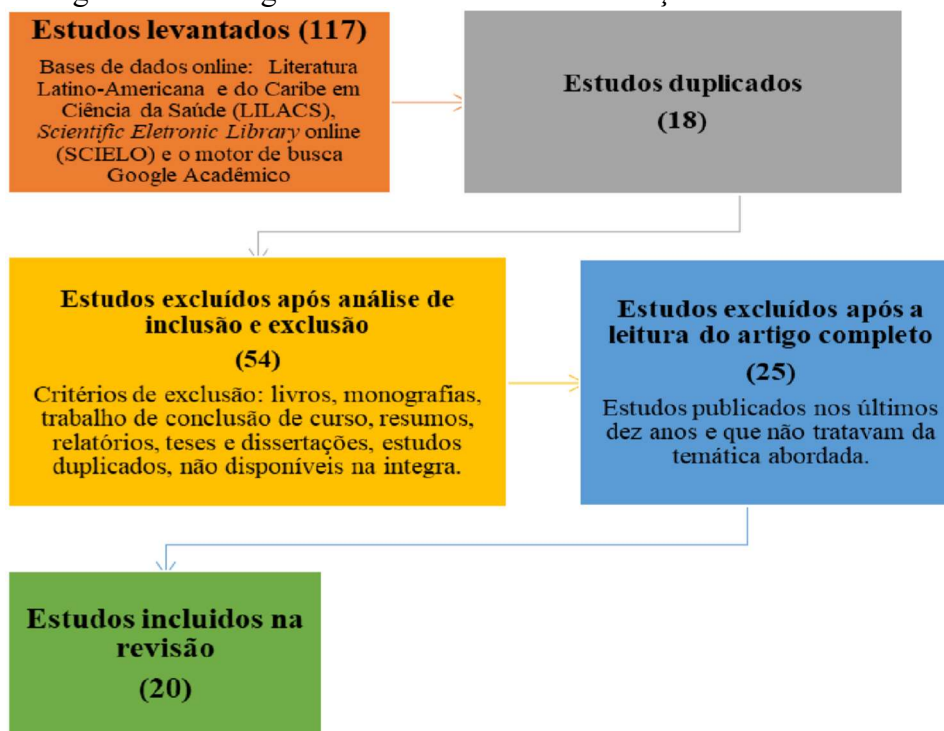
2ª	Crítérios de exclusão	Livros, monografias, Trabalho de Conclusão de Curso, Resumos, Relatórios, Teses e Dissertações. Estudos duplicados, não disponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez anos e que não tratavam da temática abordada.
3ª	Número de estudos selecionados	20 Estudos
	Avaliação dos estudos incluídos na revisão	Realização da análise de conteúdo segundo Bardin (2011): 1ª fase: pré-análise; 2ª fase: exploração do material; 3ª fase: tratamento dos resultados
4ª	Categorias obtidas com a análise de conteúdo	- Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Necessidade de Apoio; - Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA
5ª	Interpretação/discussão dos resultados	Ver em "Resultados e Discussão"
6ª	Tecnologias digitais utilizadas	WordArt: Nuvem de palavras Disponível em: https://wordart.com/

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No quadro 1, a temática foi estabelecida como "Autismo infantil: a importância da intervenção precoce no desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)". A seleção dos artigos foi realizada por meio de bases de dados online, como a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e o Google Acadêmico. A fim de mitigar possíveis vieses, foram empregados termos descritivos abrangentes, como "impacto", "diagnóstico", "autismo", "dinâmica familiar", "família" e "transtorno do

espectro autista". Para assegurar a qualidade e relevância dos estudos incluídos, foram estabelecidos critérios claros de inclusão: os artigos deveriam estar em português, publicados entre 2015 e 2023, com resumos disponíveis nas bases de dados mencionadas e apresentar abordagens metodológicas que tratam do tema em questão. Foram excluídos livros, monografias, trabalhos de conclusão de curso, resumos, relatórios, teses e dissertações, bem como estudos duplicados, indisponíveis na íntegra, publicados nos últimos dez anos e que não estivessem alinhados à temática em análise.

Figura 1 – Fluxograma do detalhamento de seleção de estudos



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir desses critérios, foram selecionados 20 estudos que passaram por um processo de análise de conteúdo composto por três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A pré-análise envolveu uma leitura inicial dos estudos escolhidos, na qual foram identificados os indicadores interpretativos com base no conteúdo dos artigos. Na etapa de exploração do material, foram identificados temas e palavras recorrentes nos estudos, permitindo a definição de categorias iniciais e a subsequente codificação, classificação e categorização dos dados.

A terceira fase envolveu o tratamento dos resultados por meio de inferência e interpretação dos dados, que

será detalhadamente discutida na seção "Resultados e Discussões", de acordo com as categorias definidas (BARDIN, 2011). Portanto, é possível afirmar que essa abordagem metodológica foi selecionada devido à sua capacidade de fornecer insights significativos aos profissionais da psicologia, ampliando a compreensão da temática e contribuindo para a formação de uma visão abrangente e fundamentada sobre o assunto em análise.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O Transtorno do Espectro Autista: Definição e Contexto Histórico

A nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi empregada pela

primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler (1857-1939), em 1911, para descrever um fenômeno conhecido como "fuga da realidade" e o retraimento de adultos esquizofrênicos para um mundo interior. A palavra "autismo" tem origem grega (autós) e significa "por si mesmo". O termo foi introduzido por Bleuler na psiquiatria para referir-se a comportamentos humanos que se concentram no próprio indivíduo (ORRÚ, 2012, p. 17).

De acordo com Souza e Ruela (2022), no final do século XVII, o termo "autismo" não era utilizado, já que estava associado aos campos da esquizofrenia. A primeira vez que foi estudado foi em 1801 pelo médico francês Jean Marc Itard (1774-1838), que examinou o caso de um jovem encontrado em uma floresta francesa. Esse jovem, nomeado por Itard como Victor, aparentava ter entre 12 e 15 anos e apresentava sintomas de isolamento social, dificuldades de comunicação e relacionamento social.

Naquela época, os autistas eram frequentemente confundidos com esquizofrênicos e, na maioria dos casos, eram encaminhados a hospícios junto com os demais pacientes mentais. Ferrari (2012) relata que o jovem capturado, chamado Victor, estava sem vestimentas, se movimentava como um quadrúpede e

balançava-se constantemente. Ele parecia indiferente a tudo e não demonstrava qualquer tipo de afeto. Philippe Pinel (1745-1826), um psiquiatra renomado da época, e outros médicos acreditavam que Victor deveria ser internado em um hospício. Itard, no entanto, percebeu que o estranho estado do garoto estava relacionado à privação do contato social (BANKS-LEITE; GALVÃO; DAINEZ, 2017).

Itard acreditava na educabilidade de Victor e desenvolveu um projeto pedagógico que buscava mudar a situação desvantajosa em que o menino se encontrava. O relacionamento entre Itard e Victor foi intenso, e as lições aprendidas durante essa experiência ainda são relevantes hoje. Itard percebeu que o desafio do professor era criar ambientes de aprendizagem que promovessem não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o crescimento emocional e comportamental (CORDEIRO; ANTUNES, 2020). No entanto, apesar dos esforços, o resultado não foi considerado totalmente bem-sucedido, pois Victor não conseguiu acessar a dimensão simbólica da linguagem e permaneceu em grande parte mudo. Essa experiência marcou um ponto crucial na história da educação especial, impulsionando a criação de várias iniciativas de inclusão de pessoas com

deficiência em todo o mundo. Itard ficou conhecido por desenvolver o primeiro programa sistemático de educação especial e por seu papel na reabilitação e tentativa de educação de Victor de Aveyron (FREIRE, 2017).

Em 1943, o psiquiatra austríaco Leo Kanner apresentou uma descrição mais definida do autismo infantil após observar 11 crianças entre 2 e 8 anos. Ele cunhou o termo "autismo infantil precoce" para caracterizar esse distúrbio, definindo-o como uma "inabilidade inata de relacionar-se afetivamente com outras pessoas" (KAJIHARA, 2014, p. 21). Kanner observou comportamentos estranhos e peculiares nessas crianças, incluindo repetição de gestos, atrasos no desenvolvimento da linguagem e dificuldades nas relações interpessoais (SANTOS, 2019).

A tendência ao isolamento e à manutenção da uniformidade eram características comuns observadas em crianças autistas. Os pais relatavam que suas crianças pareciam mais satisfeitas quando sozinhas do que em companhia de outras pessoas. Essas crianças muitas vezes rejeitavam o contato físico direto e demonstravam desconforto com interferências externas (KANNER, 1943 apud SANTOS, 2019).

É essencial compreender as características específicas do autismo, conforme definido por Kanner, que incluem o retraimento autístico, a busca pela imutabilidade, as estereotipias e os distúrbios da linguagem. O retraimento autístico se manifesta quando as crianças autistas parecem não reconhecer objetos e pessoas ao seu redor, agindo como se esses elementos não existissem, demonstrando uma ausência significativa de contato com a realidade. A busca pela imutabilidade envolve a necessidade de manter o ambiente inalterado, com mudanças mínimas causando angústia e até raiva. As estereotipias referem-se a comportamentos repetitivos, como gestos e vocalizações, que parecem proporcionar conforto e excitação. Quanto aos distúrbios da linguagem, eles variam de acordo com a idade e a evolução do transtorno (SANTOS, 2019).

No entanto, o autismo é um transtorno heterogêneo, e as características variam amplamente entre os indivíduos. Curiosamente, a prevalência do autismo é maior em meninos do que em meninas, e muitos autores sugerem uma interação complexa entre fatores genéticos e ambientais como responsáveis pelo desenvolvimento do transtorno (BASTOS CHAVES; OLIVEIRA, 2022).

Uma pesquisa significativa realizada por Bastos Chaves e Oliveira (2022) buscou explorar os possíveis fatores causais e de proteção relacionados à gênese do TEA. Entre os fatores genéticos, ambientais e farmacológicos mencionados, destacam-se poluentes, pesticidas, uso de ácido valproico, talidomida e misoprostol. Além disso, fatores pré-natais, perinatais e neonatais, como epilepsia, obesidade e diabetes gestacional, também foram identificados como potenciais influências no desenvolvimento do TEA.

Essas descobertas estão em consonância com as diretrizes do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), que indica que o autismo é um transtorno neurobiológico

resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais. Adicionalmente, o transtorno também ocasiona interferências em certos comportamentos, como a manifestação de padrões nas ações e repetições em sua realização, resultando na manutenção do interesse e da atenção do indivíduo voltados para atividades específicas (APA, 2014; PESSOA; AGUIAR, 2021). De acordo com o DSM-V, o transtorno pode ser categorizado em dois grupos principais: (A) Persistente déficit na interação social e na comunicação em diversos contextos; (B) Padrões restritos e frequentes de comportamento, interesses ou atividades, conforme se observa no quadro a seguir:

Quadro 2 – DSM-V: Grupos do Transtorno do Espectro do Autismo

GRUPO A	GRUPO B
1. Déficit na reciprocidade socioemocional, apresentando variáveis na abordagem social anormal, dificuldade em estabelecer uma conversa regular, redução do compartilhamento de interesses, dificuldades para iniciar ou responder a interações sociais.	1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipadas ou repetitivos, estereotipias motoras simples, alinhar ou girar objetos, ecolalia.
2. Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variáveis comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficit na compreensão e uso de gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal	2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal e não verbal, sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos

3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variáveis de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.	3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco, forte apego a ou preocupação com objetos, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos.
	4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente, indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento.

Fonte: Guedes; Conti Uvo (2021).

Para realizar um diagnóstico preciso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental uma ampla verificação dos critérios A, B, C, D e E, a fim de descartar diagnósticos incorretos. Nesse contexto, é válido destacar que o critério C engloba a manifestação desses sintomas desde a infância, enquanto o critério D diz respeito à presença de significativas limitações funcionais nas esferas sociais, ocupacionais e outras áreas relevantes do funcionamento. Por fim, o critério E estabelece a condição de que tais sintomas não possam ser melhor explicados por outro transtorno. Essa abordagem metódica desempenha um papel crucial na prevenção de diagnósticos equivocados de TEA. Garante-se, assim, que somente indivíduos que genuinamente atendam aos critérios estabelecidos recebam o diagnóstico desse transtorno. Esse enfoque não apenas aprimora a precisão das avaliações, mas também

assegura uma consistência ao longo do processo de avaliação (GUEDES; CONTI UVO, 2021).

No próximo tópico, exploraremos em detalhes a importância do Diagnóstico Precoce do TEA e as Perspectivas de Tratamento/Intervenção associadas a essa abordagem.

Ao identificar precocemente os sintomas do TEA e entender as possibilidades de tratamento e intervenção, é possível oferecer um suporte mais eficaz e personalizado aos indivíduos afetados e suas famílias. A intervenção precoce não apenas melhora os resultados a longo prazo, mas também contribui para o desenvolvimento geral e a qualidade de vida dos indivíduos com TEA. Portanto, discutiremos como o diagnóstico precoce abre portas para uma série de estratégias terapêuticas e abordagens de apoio que podem fazer uma diferença significativa no manejo do transtorno.

1.2 O Diagnóstico Precoce e as Perspectivas de Tratamento/Intervenção do TEA

Frequentemente, o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge no âmbito das relações familiares, especialmente quando pais notam atributos singulares em seus filhos, geralmente entre os dois e três anos de idade. Geralmente, os médicos de família são os primeiros a estabelecer contato com a criança e sua família. Mudanças substanciais na classificação diagnóstica têm surgido

devido a avanços clínicos, promovidos por profissionais especializados e revisões criteriosas da comunidade científica (DUARTE et al., 2021).

Apesar de mais de seis décadas de pesquisa nas características diagnósticas, há ainda lacunas e divergências no campo. Atualmente, o ritmo de pesquisas proporciona melhores possibilidades para ferramentas diagnósticas (SILLOS et al., 2020). Uma ferramenta amplamente aceita é o DSM-5, que apresenta critérios fundamentais para diagnosticar o autismo, conforme exibido no Quadro 3.

Quadro 3 - Critérios para Diagnóstico do Autismo no Espectro

DSM-V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299.00 (F84.0)	
Critério	Características
A	Deficiências persistentes na comunicação e interação social: <ol style="list-style-type: none"> 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar às diversas situações sociais.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.
D	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
E	Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

Fonte: APA (2014).

Os indícios de autismo a serem observados englobam contato visual atípico, falta de resposta ao nome, ausência de gestos comunicativos, ausência de brincadeiras interativas, falta de sorriso, dificuldades de compartilhamento e falta de interesse por pares. Atrasos em habilidades sociais e linguísticas, bem como regressões nessas áreas, são alertas que demandam avaliação imediata (STEFFEN et al., 2019).

Viana et al. (2020) destacam que a complexidade genética do TEA enfatiza a necessidade de identificar vias e mecanismos moleculares subjacentes. Essa síndrome, altamente intrincada, abrange diversos quadros comportamentais e diagnósticos. As estatísticas epidemiológicas dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) evidenciam um aumento dos diagnósticos de TEA nos EUA. As pesquisas evidenciam um aumento na prevalência do autismo ao longo das décadas, passando de 1/150 crianças em 2000 para 1/36 em 2020, com uma proporção de 3,8 meninos para 1 menina. No Brasil, o autismo foi incluído no censo demográfico de 2020, estimando-se que dois milhões de brasileiros estejam no espectro, o que representa 1% da população (NASCIMENTO et al., 2021).

Com o aumento da prevalência do autismo, o CDC, apoiado pelo programa

Rede de Monitoramento de Deficiências de Autismo e Desenvolvimento (ADDM), tem conduzido estudos para estimar a prevalência do TEA em crianças de oito anos. O diagnóstico clínico do TEA é embasado na observação comportamental, sendo fundamental seguir parâmetros cientificamente aceitos. Atualmente, os profissionais dispõem de dois guias clínicos, o CID e o DSM-5 (APA, 2014).

É relevante considerar que, embora concordantes, os critérios nesses guias têm diferenças legais e descritivas. Enquanto o CID é a nomenclatura oficial no Brasil, o DSM-5 atua como guia descritivo. Essa abordagem conjunta permite uma comunicação eficiente entre profissionais e a obtenção de benefícios legais relacionados ao quadro clínico (MOZEL, 2023).

Na perspectiva das ferramentas de avaliação, há instrumentos padronizados, como o Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) e o Autism Diagnostic Observation Schedule-Generic (ADOS), que são referências para diagnóstico. O Protocolo de Avaliação de Crianças com Suspeita de Transtorno do Espectro Autista (PROTEA-R) é uma ferramenta não verbal desenvolvida no Brasil, e outras ferramentas traduzidas e validadas também são utilizadas (MARQUES; BOSA, 2015).

A intervenção precoce é essencial para o tratamento do TEA, visando o desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação. A Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem comprovada, focando na aprendizagem de várias áreas de sintomas, incluindo a comunicação social e os comportamentos repetitivos. O uso de recursos digitais tem se mostrado promissor, mas é necessário atentar para seus riscos. O trabalho colaborativo de equipes multidisciplinares é crucial para uma intervenção eficaz, assegurando qualidade de vida e autonomia para indivíduos com TEA (ALBERT; SPONCHIADO, 2020).

Com a compreensão da neuroplasticidade, a intervenção precoce ganha destaque, pois os primeiros anos de vida são cruciais para a formação de habilidades cognitivas, sociais e linguísticas. As intervenções comportamentais e naturalistas, bem como recursos digitais, têm um papel fundamental nesse contexto (VIANA; NASCIMENTO, 2021). Diante do crescimento das crianças autistas até a idade adulta, é necessário um suporte contínuo, especialmente com o desenvolvimento de habilidades funcionais. Adultos com TEA podem encontrar significado em tarefas dedicadas,

aproveitando suas características observacionais, repetitivas e de perfeccionismo (MEDEIROS, 2021). Portanto, a abordagem multidisciplinar, a intervenção precoce e a utilização de métodos validados constituem pilares essenciais no diagnóstico e tratamento do TEA, oferecendo um suporte sólido para o desenvolvimento e qualidade de vida de indivíduos no espectro.

1.3 A Importância da Atuação da Equipe Multidisciplinar no Autismo

De acordo com a pesquisa de Romeu e Rossit (2022), intervenções iniciais desempenham um papel fundamental no auxílio ao desenvolvimento da independência, habilidades sociais e comunicação em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A adoção de abordagens colaborativas e o trabalho em equipe são estratégias eficazes para enfrentar os desafios relacionados ao autismo.

Nesse contexto, a colaboração interprofissional desempenha um papel crítico na qualidade dos cuidados oferecidos a essas crianças e na obtenção de resultados educacionais mais positivos. Essa abordagem promove uma comunicação eficaz, compartilhamento de experiências clínicas, planejamento conjunto, avaliação coordenada e execução

de ações alinhadas entre diversos profissionais, o que resulta em intervenções mais eficazes.

A avaliação diagnóstica do TEA é realizada por uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Essa abordagem é destacada como prioritária em relação à avaliação e acompanhamento de indivíduos autistas, conforme observado por Almeida (2021). No mesmo sentido, o trabalho de equipe é fundamental, como indicado por Brasil (2015, p.44), que ressalta a necessidade de uma equipe multidisciplinar presente em diversas situações, desde atendimentos individuais até atividades em grupo, garantindo uma avaliação abrangente do desenvolvimento infantil e contribuindo para o bem-estar das crianças autistas.

As etapas avaliativas comuns incluem anamnese, avaliação fonoaudiológica, avaliação da cognição social, exame físico e avaliação neurológica. Após cada avaliação, ocorre uma reunião da equipe multidisciplinar

para discussão dos resultados e elaboração de um diagnóstico, com base nos critérios do DSM-5 (APA, 2014), como ressalta Almeida (2021). Em seguida, um relatório é produzido, contendo detalhes da avaliação, diagnóstico e orientações familiares, que são discutidas em uma reunião de retorno com a família (devolutiva). A colaboração entre os membros da equipe é evidenciada em todo esse processo, conforme Cóssio, Pereira e Rodrigues (2018) apontam, enfatizando a importância de compartilhar conhecimentos e estratégias interdisciplinares.

Dadas as particularidades do TEA, a abordagem multidisciplinar é essencial para oferecer um cuidado abrangente. Santos e Vieira (2021) ressaltam a importância de uma equipe que esteja alinhada com as abordagens e ideias utilizadas no tratamento. Bacarin (2020) apresenta um modelo (figura 2) que ilustra essa abordagem colaborativa, envolvendo profissionais de diversas áreas no processo de diagnóstico.

Figura 2 – Modelo de Diagnóstico Multidisciplinar



Fonte: Bacarin (2020, p. 62).

Como ilustrado na Figura 3, uma variedade de profissionais de diferentes campos trabalha em conjunto para diagnosticar e intervir no caso de crianças com autismo. Esse trabalho em equipe permite que cada especialista contribua com seus conhecimentos, garantindo a eficácia do tratamento, conforme argumentam Cóssio, Pereira e Rodrigues (2018). A maioria dos cuidados multidisciplinares no Brasil é fornecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), com destaque para os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e os Centros de Atendimento Psicossocial da Infância e Adolescência (CAPSI), como mencionado por Steffen et al. (2019).

Romeu e Rossit (2022) sublinham a importância de cada membro da equipe multidisciplinar compreender seus próprios

papéis e responsabilidades, bem como os dos outros. Essa compreensão aprofundada das funções e políticas contribui para uma melhor colaboração e, conseqüentemente, melhores resultados para os indivíduos autistas e suas famílias. Pereira et al. (2021) destacam o papel crucial dos pediatras e neuropediatras no diagnóstico e tratamento do TEA, uma vez que frequentemente são os primeiros a observar sinais únicos de desenvolvimento nas crianças.

O neuropediatra, por exemplo, é fundamental para diagnosticar e acompanhar o transtorno, especialmente quando há atrasos na fala ou hipersensibilidade ao toque. Isso destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar desde os estágios iniciais, como enfatizado por Pereira et al. (2021). O trabalho de fonoaudiólogos, psicólogos,

fisioterapeutas e nutricionistas também é essencial na abordagem multidisciplinar.

O psicólogo, por sua vez, desempenha um papel diversificado, envolvendo pesquisa, psicoterapia, avaliação psicológica e orientação familiar. O foco no desenvolvimento individual e na compreensão das áreas afetadas é crucial, como argumenta Almeida (2021). O papel do fisioterapeuta é ressaltado por Araújo, Lima Júnior e Souza (2022), que destacam a melhora das habilidades motoras e sensoriais das crianças autistas.

Além disso, nutricionistas também desempenham um papel crucial, especialmente no caso de seletividade alimentar, conforme Pereira et al. (2021) ressaltam. A equipe multidisciplinar abrange todo o ciclo de vida da pessoa com TEA, inclusive o ambiente educacional, com destaque para o profissional de psicopedagogia, como observado por Almeida (2021). A intervenção precoce, muitas vezes com a participação dos pais, é crucial para o desenvolvimento positivo das crianças com TEA, como mencionado por Silva et al. (2020).

A importância da equipe multidisciplinar se estende às famílias dos indivíduos autistas. Bonfim et al. (2023) destacam a ansiedade que as famílias enfrentam após o diagnóstico, enfatizando

a necessidade de suporte e orientação. A colaboração interprofissional visa melhorar a qualidade de vida dos autistas e suas famílias, adaptando as intervenções às necessidades individuais, como defendem os autores.

Em suma, a abordagem multidisciplinar é fundamental para o tratamento eficaz do TEA, beneficiando tanto os indivíduos autistas quanto suas famílias. A colaboração entre diferentes profissionais garante uma abordagem abrangente e adaptada às necessidades específicas de cada pessoa.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise em foco abordou diversas publicações que exploraram o impacto do diagnóstico do autismo na dinâmica familiar. Como resultado, foram identificados 117 estudos relevantes sobre esse tópico, obtidos através de pesquisas em bases de dados online e mecanismos de busca. No entanto, após uma avaliação completa dos dados coletados e a aplicação dos critérios estabelecidos, 97 estudos foram descartados, resultando em uma seleção final de 20 estudos que constituem a base desta pesquisa.

Essas obras selecionadas estão apresentadas no Quadro 4 abaixo.

Quadro 4 – Levantamento de estudos de acordo com os critérios de inclusão.

Autor/Referência	Objetivo do estudo	Conclusão do estudo
<p>FREITAS, S. M.; FERREIRA, S. Criança com transtorno do espectro autista: a família no processo diagnóstico.</p> <p>Revista Foco – Interdisciplinary Studies. Curitiba (PR), v. 16, n. 5, e1785, p. 01-15, 2023.</p>	<p>Analisar a família no contexto de diagnóstico de uma criança com o transtorno do espectro autista (TEA).</p>	<p>Notou-se a importância da família no processo diagnóstico, pois ajuda a incluir o filho autista num mundo onde ele não se vê, onde não se encontra e onde acha difícil comunicar-se. Portanto, a superação das limitações poderá ser atingida por meio do ajuste de seus familiares, o que remete não só persistência, mas compreensão das dificuldades que definem o transtorno.</p>
<p>CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. Open Minds International Journal. vol. 3, n. 1: p. 33-44, Jan, Fev, Mar, Abril/2022.</p>	<p>Abordar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e os seus impactos na vida familiar.</p>	<p>Famílias que acolhem crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) passam por adaptações em dois aspectos principais: a ajustar-se a uma nova realidade que o transtorno traz ao cotidiano familiar, exigindo estratégias de adaptação, e a compreender a criança de maneira diferente do que originalmente esperado, necessitando reavaliar suas capacidades reais. Para enfrentar essas mudanças, as famílias recorrem à resiliência, buscando reequilíbrio e progresso. Contudo, esse processo pode ser facilitado com o apoio e suporte adequados, focados em fortalecer as habilidades e possibilidades das famílias.</p>
<p>CORREIA, D. S. S.; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo diagnóstico do autismo e impacto na dinâmica familiar: uma revisão bibliográfica. Os desafios contemporâneos e interdisciplinares na atualidade. Editora Epitaya, Rio de Janeiro, 2023.</p>	<p>Abordar os diferentes âmbitos que circundam o transtorno do espectro autista, sua construção histórica, presença em manuais de critérios diagnósticos, sintomatologia, ferramentas utilizadas no processo diagnóstico e a dinâmica familiar de uma criança com TEA.</p>	<p>A quantidade de diagnósticos tem aumentado gradativamente desde as primeiras pesquisas realizadas para este fim, devido ao aperfeiçoamento das ferramentas diagnósticas e popularização do tema na sociedade, fazendo com que outros grupos sociais passem a observar padrões comportamentais atípicos e alertem as famílias. Diante a este crescimento de crianças pertencentes ao espectro, faz-se necessário que as famílias tenham o suporte psicológico, a fim de poderem suprir as especificidades do trato a crianças atípicas, promovendo uma vivência igualitária entre pertencentes ou não do espectro.</p>
<p>SOUZA, B. C.; SILVA, J. A. O. O impacto do autismo na família: uma análise da série Atypical. Revista Científic@ Universitas,</p>	<p>Analisar acerca da influência que este diagnóstico pode ter na família e como isso reflete diretamente também na vida</p>	<p>O profissional psicólogo é essencial tanto no momento do diagnóstico quanto ao decorrer da vida, assegurando assim o indivíduo de sua funcionalidade e capacidade de vivenciar os mais diversos desafios impostos pela</p>

Itajubá v.8, n.2, p.53 - 61, 2021.	independente da pessoa com autismo, através de uma pesquisa documental da série Atypical, da Netflix.	sociedade. E para a família como um apoio fundamental.
BRAGA DOS ANJOS, B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. Ciências Psicológicas . janeiro – junho, 15(1) e2347, 2021	realizar uma revisão integrativa de literatura sobre a temática do autismo e da família, visando analisar a produção científica nacional e internacional existente sobre o tema no período de 2013 a 2020.	Os resultados das pesquisas apontam que a família necessita de maior suporte com relação ao casal e aos outros filhos para a superação das dificuldades. Desta forma, é imprescindível tomar a família como campo de intervenção para fortalecer os vínculos familiares, ampliar a rede de apoio e facilitar os processos terapêuticos em torno da pessoa com autismo.
FARIAS, J. V. A. et al. Transtorno do espectro autista infantil e os desafios familiares: revisão integrativa de literatura. Diversitas Journal . v. 8, n. 1, jan./mar. 2023.	Investigar na literatura os desafios encontrados no cotidiano de famílias de crianças com TEA.	Observou-se a partir das literaturas incluídas nesta revisão que o TEA pode afetar significativamente a rotina da família, devido ao aumento das dificuldades e incertezas que a família passa a ter após o diagnóstico. Considerando o impacto que as famílias vivenciam, é preciso que as dificuldades das mesmas sejam trabalhadas através de uma atenção especializada.
MARQUES, V. G. et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. Revista Eletrônica Acervo Saúde – REAS . v. 13(10), 2021.	Entender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no que tange as suas características comportamentais, o impacto disso na dinâmica familiar, além de identificar algumas habilidades no cuidado.	O TEA ainda hoje é muito estigmatizado pela sociedade. Isso, infelizmente, se perpetua, dentre outras razões, por carência de pesquisas com embasamento teórico-científico que possa compreender melhor as suas características, além das próprias ideologias civis, resultando, dentre outros fatores, em comportamentos superprotetores.
RODRIGUES, D. A. et al. Os impactos psicossociais do diagnóstico do autismo no contexto familiar: uma revisão integrativa. GEPNEWS , Maceió, a.4, v.2, n.2, p.66-75, abr./jun. 2020.	Analisar as relações entre autismo e a interação familiar, a fim de conhecer os impactos psicossociais na família decorrentes do diagnóstico do autismo.	Observou-se a partir das literaturas incluídas nesta revisão que a interferência do autismo no contexto familiar decorre do aumento das necessidades e dúvidas que a família passar a conter após o diagnóstico. Tendo em vista o impacto que sofrem, essas famílias precisam que suas necessidades e dificuldades sejam trabalhadas através de uma atenção especializada.

<p>SOUZA, W. A.; DUARTE, R. C. C. Análise dos impactos do diagnóstico do espectro autista no âmbito familiar: desafios e possibilidades. Research, Society and Development, v. 11, n. 14, e152111435647, 2022.</p>	<p>Analisar o diagnóstico do transtorno do espectro autista (TEA) e os seus impactos na família, bem como a importância do psicólogo neste processo.</p>	<p>Podemos perceber neste estudo, que as consequências para a família são enormes, sendo necessário um processo contínuo de adaptação pósdiagnóstico. Considere-se que a família tem um papel relevante e impactante no diagnóstico do TEA, pois os pais da criança diagnosticada tendem a passar por muitas mudanças e dificuldades durante esse processo, buscando entender os sintomas diferentes que a criança apresenta.</p>
<p>MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. Research, Society and Development, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022.</p>	<p>Analisar o impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar.</p>	<p>Cuidar de crianças com espectro autismo é um grande desafio e uma sobrecarga física e psicológica nos familiares, entretanto, quando o transtorno é diagnosticado e tratado precocemente melhora o desenvolvimento da criança, o vínculo familiar e a interação social, minimizando o sofrimento de todos os familiares.</p>
<p>CUNHA, J. H. S. et al. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo. Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social, vol. 6, núm. 1, 2018.</p>	<p>Analisar e descrever o significado de ser mãe ou pai de um filho autista.</p>	<p>Verificou-se que mães e pais apresentaram tendência de superproteção e incertezas em relação ao futuro do filho. Concluiu-se que é um desafio ser mãe ou pai de uma criança autista por exigir total dedicação em prol aos cuidados que o filho necessita</p>
<p>AMARAL FARO, K. C. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. Psico. Porto Alegre, 50 (2): e30080, 2019.</p>	<p>Comparar dois grupos de mães de crianças com autismo (com e sem estresse), quanto à: (a) sobrecarga de cuidado; (b) autonomia da criança; e (c) percepção de suporte familiar.</p>	<p>Os resultados revelaram que, mães com estresse tiveram quase o dobro de percepção de sobrecarga, enquanto as sem estresse perceberam maior suporte familiar, principalmente nos aspectos de afetividade e autonomia em relação aos familiares, como expressão e comunicação de afetos e respeito pela sua liberdade e tomadas de decisões. Nesse sentido, os resultados apontaram a importância do suporte familiar na adaptação de mães de crianças com autismo.</p>

<p>FONTANA, L. B.; PEREIRA, D. S.; RODRIGUES, T. P. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. Braz. J. Hea. Rev., Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6336-6340 may./jun. 2020.</p>	<p>Analisar como o impacto do transtorno autista afeta as relações familiares.</p>	<p>O momento do diagnóstico de uma doença ou síndrome crônica para a família é permeado por um conjunto de sensações e sentimentos diversos, principalmente quando o paciente remete-se a uma criança. As relações familiares tendem a se alterar, pois cada um de seus membros compõe uma parte crucial de todo sistema familiar e, portanto, se algo significativo acontece, como a notícia de um diagnóstico, a família como um todo terá de alguma forma que adaptar-se. Nesse sentido, aconselhamentos, orientações, apoio social, por meio das instituições de atendimento às crianças, e trabalhos terapêuticos surgem como alternativas de enfrentamento.</p>
<p>PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do</p>	<p>Analisar o impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares</p>	<p>Ao avaliar e identificar um transtorno de comunicação, o encaminhamento desses pacientes, principalmente crianças, levam à confirmação diagnóstica e acompanhamento em centros</p>
<p>Espectro Autista na família e relações familiares. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.8, n.1, p. 5827-5833 jan. 2022.</p>		<p>especializados. A partir do reconhecimento de sentimentos como tristeza, culpa, frustração, depressão e aceitação, a participação ativa dos pais e dos profissionais de saúde capacitados podem elaborar um plano de ação. O tratamento é a longo prazo e a família necessita de orientações sobre o transtorno, apoio psicológico, emocional e financeiro, entre outros.</p>
<p>WEISSHEIMER-KAUFMANN, G. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. Cogitare Enferm. v27:e83876. 2022.</p>	<p>Validar conteúdo e aparência de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista.</p>	<p>O conteúdo sobre as características da criança com autismo, diagnóstico, comportamento e direitos foi considerado válido pelos experts na primeira rodada. As informações sobre os sinais da criança com autismo e futuro foram validadas no segundo round, após reformulações sugeridas pelos experts. Este recurso educacional tem potencial para contribuir na educação em saúde para famílias de criança com autismo.</p>
<p>ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A escuta psicanalítica da família frente ao diagnóstico de autismo da Criança. <i>Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica</i>. (Rio de Janeiro) v. XXIII n.3 setembro/dezembro 2020.</p>	<p>Investigar a escuta da família face ao diagnóstico de autismo da criança.</p>	<p>A escuta do grupo familiar permitiu acessar a função psíquica que o diagnóstico pôde assumir à medida que passou a servir de barreira defensiva ao sofrimento e ao desamparo frente às perdas vivenciadas pela família.</p>

MORAES, A. V. P. M.; BIALER, M. M.; LERNER, R. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. Psicol. estud. , v. 26, e48763, 2021.	Discutir, do ponto de vista da ética, alguns impactos que o autismo pode ter nas relações familiares	A reflexão desenvolvida ao longo do artigo leva a pensar sobre como a criança com TEA, com suas singularidades, pode vir a impactar as relações familiares e sobre como a subjetividade da criança afeta a família ao mesmo tempo em que é afetada por ela. Dessa forma, esperamos alargar e aprofundar o horizonte das pesquisas que enfocam este tema e fornecer novos elementos para a escuta e cuidado dos pais e irmãos na clínica do autismo.
MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. Psicologia USP . V. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.	Analisar alguns desafios enfrentados no trabalho psicanalítico institucional com crianças diagnosticadas autistas, bem como as narrativas recorrentes dos pais sobre o diagnóstico médico e sobre a relação estabelecida com seus filhos.	Narrar, historicizar, subjetivar... a criança autista encontra um lugar no desejo de seus pais. Considerar os discursos das próprias famílias de crianças diagnosticadas com TEA nos permitiu situar o profissional que trabalha em instituição em uma posição fundamental, seja em escolas ou em centros de saúde, de promoção social e de direitos voltadas à infância.
DIAS LEMOS, E. L.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. Psic.: Teor. e Pesq. , Brasília, v. 38, e38312, 2022.	Analisar as concepções de jovens com TEA, suas mães e seus irmãos acerca de suas vivências familiares, por entender que as concepções podem influenciar direta ou indiretamente as interações.	Os resultados evidenciaram que as atividades, a rede de apoio e as concepções descritas pelos participantes funcionam como fatores protetivos, mesmo diante de fatores de risco em seu desenvolvimento. O estudo suscita novas questões de pesquisa e elucida aspectos das vivências familiares importantes para delinear intervenções.
FIGUEIREDO, S. L.; RANGEL, J. M. S.; LIMA, M. N. C. F. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. Revista AMAzônica , Vol XXV, número 2, jul-dez, pág.93-107, 2020.	Mostrar o que dizem as pesquisas sobre o impacto do diagnóstico do TEA na vivência da família.	O diagnóstico do TEA traz várias alterações na rotina da família. O apoio (econômico, social, emocional, psicológico, etc.) é necessário para superar as dificuldades comuns no prognóstico.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

O conteúdo desses 20 estudos foi então submetido a uma análise de frequência de palavras, o que culminou na

criação de uma representação visual das palavras em uma nuvem de palavras (conforme ilustrado na Figura 2),

dado o aumento global no número de diagnósticos. Esse distúrbio, relacionado ao neurodesenvolvimento, apresenta uma ampla gama de causas em análise, manifestando-se em diferentes graus de classificação e severidade. Conforme observado por Caparroz e Soldera (2022), o TEA engloba dificuldades sociais, de comunicação e comportamentais, sendo que seus primeiros sintomas emergem frequentemente nos primeiros cinco anos de vida. Comorbidades como epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade frequentemente acompanham os indivíduos afetados. O nível intelectual varia substancialmente entre os casos, abrangendo desde deterioração profunda até altas habilidades cognitivas.

A intervenção precoce, como demonstram diversos estudos científicos, está fortemente correlacionada com a melhoria significativa do funcionamento cognitivo e adaptativo em crianças autistas. Marques et al. (2021) indicam que os primeiros anos de vida são essenciais devido à plasticidade cerebral nesse período, facilitando a modelagem de comportamentos. Identificar os primeiros sinais do autismo, como atraso no desenvolvimento motor, dificuldades emocionais e atencionais, possibilita a intervenção adequada e personalizada.

As implicações do TEA nas esferas sociais, cognitivas e comunicativas são profundas e, em muitos casos, persistentes. Essa condição demanda cuidados intensivos, frequentemente prestados pelos pais ou familiares, o que pode levar a mudanças nos hábitos, nas finanças e nas relações sociais e profissionais. Farias et al. (2023) destacam que essa demanda de cuidados pode resultar em sobrecarga física e mental para os pais e familiares, afetando negativamente a qualidade de vida desse grupo.

O diagnóstico do TEA apresenta um desafio emocional e prático para os pais das crianças afetadas. A reação inicial muitas vezes envolve a busca por confirmação ou negação do diagnóstico, como uma forma de enfrentar o impacto. Essa etapa, conforme observado por Souza e Duarte (2022), pode ser um processo de luto simbólico do "filho perfeito". A convivência com uma criança autista traz à tona preconceitos e demanda a aceitação da realidade, conforme enfatizado por Freitas e Ferreira (2023).

Rodrigues et al. (2019) revelam que as famílias de crianças com TEA compartilham dúvidas e lutos após o diagnóstico, enfrentando desafios no contexto familiar e social. Porém, a criação de uma rede de apoio e compreensão entre familiares pode mitigar esses desafios. A

positividade na percepção das crianças com TEA é um aspecto relevante, com as famílias se adaptando às condições dos filhos e contribuindo para seu tratamento.

Nesse contexto desafiador, a atuação do psicólogo desempenha um papel fundamental no apoio às famílias que enfrentam o diagnóstico do TEA. O psicólogo é um profissional capacitado para compreender não apenas as dimensões clínicas do TEA, mas também as implicações emocionais, sociais e familiares que surgem após o diagnóstico. Sua abordagem visa não somente ajudar a criança autista, mas também oferecer suporte à família como um todo, reconhecendo que o impacto do diagnóstico se estende além do indivíduo diagnosticado.

Primeiramente, o psicólogo nesse contexto desempenha um papel crucial no processo de aceitação e adaptação da família ao diagnóstico do TEA. A notícia do diagnóstico muitas vezes gera um misto de emoções, que podem incluir choque, tristeza, preocupação e até mesmo negação. O psicólogo trabalha para fornecer um espaço seguro onde os pais possam expressar seus sentimentos, compreender suas reações emocionais e encontrar maneiras saudáveis de lidar com o impacto do diagnóstico.

Além disso, o psicólogo auxilia os pais no desenvolvimento de estratégias de manejo e na compreensão das necessidades específicas de seu filho autista. Isso pode envolver fornecer orientações sobre como lidar com comportamentos desafiadores, como promover a comunicação e a interação social, e como apoiar o desenvolvimento emocional da criança. O psicólogo também pode oferecer treinamento aos pais para que possam se tornar mais eficazes no auxílio ao progresso e na qualidade de vida da criança.

A importância da rede de apoio é outra área em que o psicólogo desempenha um papel vital. O psicólogo pode ajudar a família a identificar recursos na comunidade, grupos de apoio e serviços terapêuticos que podem ser benéficos para a criança e para os pais. Além disso, o psicólogo trabalha para fortalecer os laços familiares e promover uma compreensão mais profunda das necessidades individuais de cada membro da família (FREITAS; FERREIRA, 2023).

Ao longo do tempo, o psicólogo acompanha o progresso da criança autista e faz ajustes nas estratégias conforme necessário. Isso envolve avaliar o desenvolvimento da criança, monitorar a eficácia das intervenções e fazer adaptações para atender às mudanças nas

necessidades da criança. Em suma, o papel do psicólogo no apoio a famílias com crianças diagnosticadas com TEA vai além do tratamento clínico. O psicólogo desempenha um papel central na jornada de adaptação e crescimento da família, proporcionando suporte emocional, orientação prática, construção de estratégias de manejo e conexão com recursos na comunidade. A parceria entre os pais, a criança autista e o psicólogo é essencial para promover um ambiente de apoio e desenvolvimento saudável para todos os envolvidos.

2.2 Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA

A notícia de um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um membro da família pode trazer uma enxurrada de emoções e desafios, mas também é o ponto de partida para uma jornada de adaptação, resiliência e crescimento para toda a família. A forma como as famílias lidam com esse diagnóstico pode moldar significativamente o futuro da criança autista e de toda a dinâmica familiar. As adaptações que as famílias fazem para enfrentar o impacto do TEA são multifacetadas e fundamentais para garantir que a criança tenha o apoio necessário para florescer em um mundo

que muitas vezes pode parecer desconcertante (DIAS LEMOS; SALOMÃO, 2022).

Uma das primeiras adaptações que as famílias frequentemente fazem é reestruturar a rotina diária. Para uma criança autista, a previsibilidade e a consistência são essenciais, o que significa que as famílias muitas vezes precisam criar horários mais estruturados. Isso pode envolver horários fixos para refeições, atividades e momentos de descanso. Essa adaptação, embora possa inicialmente ser desafiadora para a família, ajuda a criança a sentir-se mais segura e confortável em seu ambiente.

Além disso, as expectativas iniciais que os pais podem ter em relação ao desenvolvimento da criança muitas vezes precisam ser ajustadas. A compreensão da criança autista pode diferir significativamente das expectativas convencionais. A comunicação e a interação social podem se manifestar de maneiras únicas, e os marcos de desenvolvimento podem ser atingidos em ritmos diferentes. Essa nova perspectiva muitas vezes exige uma mudança de mentalidade por parte dos pais e dos familiares, que passam a valorizar os progressos da criança de maneira singular, reconhecendo suas conquistas individuais (CAPARROZ; SOLDERA, 2022).

A resiliência das famílias diante das mudanças e incertezas é um dos aspectos mais notáveis nesse processo de adaptação. Lidar com um diagnóstico de TEA pode significar enfrentar barreiras emocionais, educacionais e sociais, mas as famílias muitas vezes se unem para superar esses desafios. A busca pelo equilíbrio é fundamental: equilíbrio entre a dedicação ao desenvolvimento da criança e o autocuidado dos pais, equilíbrio entre as necessidades da criança autista e das outras crianças na família, e equilíbrio entre se adaptar ao diagnóstico e manter a identidade familiar (BRAGA DOS ANJOS; MORAIS, 2021).

O papel das famílias em ajudar a criança autista a se encaixar em um mundo desafiador é de extrema importância. As famílias muitas vezes atuam como defensoras incansáveis, educadoras e aliadas na jornada da criança. Elas desempenham um papel crucial em criar um ambiente de compreensão e aceitação, tanto dentro de casa quanto na sociedade em geral. Isso pode envolver educar familiares e amigos sobre o TEA, promovendo a inclusão e enfrentando o estigma associado ao transtorno

Os ajustes e a compreensão mútua também desempenham um papel central. As famílias aprendem a reconhecer as necessidades específicas da criança autista

e a adaptar suas abordagens de comunicação e interação. À medida que os familiares se ajustam à perspectiva da criança, eles se tornam facilitadores do seu desenvolvimento, estimulando suas habilidades e ajudando-a a superar desafios. Essa abordagem colaborativa fortalece os laços familiares e promove a sensação de pertencimento e apoio (MARQUES et al., 2021).

Diante disso, a adaptação e resiliência das famílias frente ao diagnóstico de TEA são uma jornada complexa e transformadora. Ao reestruturar rotinas, ajustar expectativas, buscar apoio, promover compreensão mútua e celebrar o progresso, as famílias se tornam pilares essenciais para o desenvolvimento saudável e feliz da criança autista. A jornada pode ser desafiadora, mas é também uma oportunidade de crescimento, aprendizado e amor incondicional, que molda não apenas a criança, mas também a força e a unidade da família como um todo.

À medida que a jornada de adaptação avança, as famílias descobrem a importância de buscar recursos e apoio externo. Participar de grupos de apoio, terapia familiar e receber orientação de profissionais especializados em TEA pode fornecer insights valiosos e estratégias práticas para enfrentar os desafios

cotidianos. Esses recursos não apenas capacitam os pais e cuidadores, mas também permitem que a família se conecte com outras que estão passando por experiências semelhantes, criando uma rede de suporte que pode ser inestimável (CORREIA; ALVES; FERREIRA, 2023).

A resiliência das famílias se manifesta de maneira notável na maneira como enfrentam momentos de crise e mudança. Mudanças na rotina, como a transição para a escola ou outras etapas do desenvolvimento, podem ser particularmente desafiadoras para crianças autistas. No entanto, com amor e paciência, as famílias encontram maneiras de preparar a criança para essas mudanças, muitas vezes usando recursos visuais, histórias sociais e comunicação clara. Ao adotar uma abordagem gradual e de apoio, eles ajudam a criança a navegar por transições com mais confiança e tranquilidade (AMARAL FARO et al., 2019.)

A importância de celebrar as vitórias, por menores que sejam, não pode ser subestimada. Cada novo passo na jornada de desenvolvimento da criança autista é motivo de celebração para a família. Do primeiro contato visual significativo ao alcance de marcos comunicativos, cada conquista reforça a convicção de que o esforço e a dedicação da família estão dando frutos. Esses

momentos de alegria não apenas fortalecem o vínculo familiar, mas também inspiram uma perspectiva de esperança, mostrando que, com apoio, a criança pode enfrentar os desafios do TEA e progredir de maneira surpreendente (MORAES; BIALER; LERNER, 2021).

Em resumo, a adaptação e resiliência das famílias frente ao diagnóstico de TEA são uma jornada complexa e transformadora. Ao reestruturar rotinas, ajustar expectativas, buscar apoio, promover compreensão mútua, celebrar o progresso e enfrentar as mudanças com resiliência, as famílias se tornam pilares essenciais para o desenvolvimento saudável e feliz da criança autista. A jornada pode ser desafiadora, mas é também uma oportunidade de crescimento, aprendizado e amor incondicional, que molda não apenas a criança, mas também a força e a unidade da família como um todo.

CONCLUSÃO

Ao longo do presente artigo, evidenciou-se o profundo impacto do autismo na dinâmica familiar por meio de uma abordagem exploratória qualitativa, que se valeu de uma revisão integrativa da literatura. O objetivo primordial consistiu em compreender de que maneira o diagnóstico do Transtorno do Espectro

Autista (TEA) incide sobre a dinâmica familiar, identificando suas necessidades de apoio e avaliando sua capacidade de adaptação e resiliência diante desse cenário.

O autismo, como transtorno complexo abrangendo diversas manifestações e desafios, afeta tanto o indivíduo diagnosticado quanto os que o cercam. As categorias fundamentais emergentes desta análise foram: o Impacto do Diagnóstico do TEA na Família e a Correspondente Necessidade de Apoio, bem como a Capacidade de Adaptação e Resiliência Familiar Frente ao Diagnóstico do TEA.

Na primeira categoria, constatou-se que o diagnóstico do TEA pode abalar a estrutura familiar, desencadeando sentimentos de choque, confusão, estresse e, em alguns casos, até mesmo luto. A incerteza quanto ao futuro e a necessidade de se adaptar a novas demandas podem representar desafios significativos para os pais e irmãos. Além disso, a pesquisa identificou a necessidade crucial de oferecer suporte tanto para o indivíduo diagnosticado quanto para os membros da família, visando facilitar a compreensão do transtorno, a obtenção de recursos apropriados e a busca por intervenções adequadas.

Na segunda categoria, a análise explorou a notável capacidade de adaptação e resiliência que muitas famílias demonstram após o diagnóstico do TEA. Em muitos casos, as famílias desenvolvem estratégias criativas para enfrentar as dificuldades cotidianas, buscando promover o bem-estar do indivíduo autista e de todos os membros da unidade familiar. A resiliência exibida nesse contexto é um testemunho da força interior das famílias diante dos desafios impostos pelo autismo.

Diante dos resultados obtidos, destaca-se a relevância da atuação do psicólogo na dinâmica familiar afetada pelo autismo. O papel desempenhado por esses profissionais torna-se essencial para fornecer suporte emocional, informações precisas e estratégias de enfrentamento às famílias, criando um ambiente de compreensão e respeito mútuo. Além disso, os resultados apontam para a necessidade contínua de conduzir estudos mais aprofundados, com o intuito de ampliar a compreensão do impacto do diagnóstico do autismo na dinâmica familiar, levando em consideração variáveis como diferenças culturais, faixas etárias e contextos socioeconômicos distintos.

Em síntese, o estudo em questão proporcionou uma visão abrangente dos desafios e das capacidades das famílias que convivem com o autismo. Ao compreender

as complexas interações entre o transtorno e a dinâmica familiar, é possível oferecer suporte mais eficaz e desenvolver estratégias que promovam a qualidade de vida de todos os envolvidos. O campo de investigação ainda tem muito a explorar, e espera-se que este trabalho estimule futuras pesquisas e intervenções sensíveis às necessidades das famílias afetadas pelo TEA.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, G.; SPONCHIADO, D. A. M. Autismo: concepções de profissionais de diferentes áreas sobre a intervenção precoce. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 44, n. 168, p. 35-47, dezembro/2020.

ALMEIDA, F. A. **Autismo**: avanços e desafios. Guarujá, SP: Científica Digital. 2021. ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A escuta psicanalítica da família frente ao diagnóstico de autismo da Criança. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. (Rio de Janeiro) v. XXIII n.3 setembro/dezembro 2020.

AMARAL FARO, K. C. et al. Autismo e mães com e sem estresse: análise da sobrecarga materna e do suporte familiar. **Psico**. Porto Alegre, 50 (2): e30080, 2019. APA. AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM – V**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, H. S.; LIMA JÚNIOR, U. M.; SOUZA, M. N. A. Atuação multiprofissional no manejo do transtorno

do espectro autista. **Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 2, n. 3, mai./jun. 2022.

BACARIN, L. M. B. P. **Transtorno do espectro autista**. Curitiba: Contentus, 2020. BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I.; DAINEZ, D. **O garoto selvagem e o dr. Jean Itard**: história e diálogos contemporâneos. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS CHAVES, G. A.; OLIVEIRA, R. C. Evidências acerca das causas da gênese do transtorno do espectro autista (TEA). In: FIGUEIREDO, B. Q. **Coletânea de trabalhos acadêmicos do Grupo Estudantil de Ensino, Pesquisa e Iniciação Científica (GEEPIC) do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)**. Minas Gerais: Ampla Editora, 2022.

BRAGA DOS ANJOS, B.; MORAIS, N. A. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. **Ciências Psicológicas**. janeiro – junho, 15(1) e-2347, 2021.

BONFIM, T. A. et al. Assistência às famílias de crianças com Transtornos do Espectro Autista: percepções da equipe multiprofissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. 31:e3781, 2023.

BRASIL. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema**

Único de Saúde. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2015.

CAPARROZ, J.; SOLDERA, P. E. S. Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares. **Open Minds International Journal.** vol. 3, n. 1: p. 33-44, Jan, Fev, Mar, Abril/2022.

CORDEIRO, A. F. M.; ANTUNES, M. A. M. A ação pedagógica de Itard na educação de Victor, o "selvagem de Aveyron": contribuição à história da psicologia. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 40, n. 99, p. 296-306, dez. 2020.

CORREIA, D. S. S.; ALVES, M. F. V.; FERREIRA, G. C. S. Processo diagnóstico do autismo e impacto na dinâmica familiar: uma revisão bibliográfica. **Os desafios contemporâneos e interdisciplinares na atualidade.** Editora Epitaya, Rio de Janeiro, 2023.

COSSIO, A. P.; PEREIRA, A. P. S.; RODRIGUES, R. C. Benefícios da Intervenção Precoce para a Família de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Educação Especial**, vol. 31, núm. 60, enero-Marzo, pp. 9-20, 2018.

CUNHA, J. H. S. et al. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, vol. 6, núm. 1, 2018.

DIAS LEMOS, E. L.; SALOMÃO, N. M. R. Jovens com transtorno autista, suas mães e irmãos: vivências familiares e modelo bioecológico. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 38, e38312, 2022.

DUARTE, V. E. S. et al. O que a sociedade precisa saber sobre o transtorno do espectro autista. **Revista Projetos Extensionistas**, v.1, n. 2, p. 173-183, jul./dez. 2021.

FARIAS, J. V. A. et al. Transtorno do espectro autista infantil e os desafios familiares: revisão integrativa de literatura. **Diversitas Journal.** v. 8, n. 1, jan./mar. 2023. FERRARI, F. **Autismo infantil: o que é e como tratar?** São Paulo: Paulinas, 2012.

FIGUEIREDO, S. L.; RANGEL, J. M. S.; LIMA, M. N. C. F. O diagnóstico do transtorno do espectro autista e suas implicações na vivência da família. **Revista AMAzônica**, Vol XXV, número 2, jul-dez, pág.93-107, 2020.

FONTANA, L. B. PEREIRA, D. S.; RODRIGUES, T. P. O impacto do transtorno autista nas relações familiares. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 6336-6340 may./jun. 2020.

FREIRE, S. A. A inclusão da Educação Especial e sua história. **Instituto Itard – Cursos de Educação Especial.** 2017. Disponível em: <https://institutoitard.com.br/a-inclusao-daeducacao-especial-e-suahistoria/#:~:text=Ele%20ficou%20conhecido%20por%20ter,%2C%20%E2%80%9Co%20menino%20selvagem%E2%80%9D>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREITAS, S. M.; FERREIRA, S. Criança com transtorno do espectro autista: a família no processo diagnóstico. **Revista Foco – Interdisciplinary Studies.** Curitiba (PR), v. 16, n. 5, e1785, p. 01-15, 2023.

GUEDES, C. M. G. CONTI UVO, M. F. A importância da intervenção precoce no TEA: revisão sistemática da literatura. **Anais Eletrônico XII EPCC** – Encontro Internacional de Produção científica da Unicesumar, 19 a 21 de outubro de 2021.

KAJIHARA, O. T. 1943-2013: Setenta anos de pesquisa sobre o autismo. In: MORI, N.

N. R.; CEREZUELA, C. (Orgs.). **Transtornos Globais do Desenvolvimento e Inclusão: aspectos históricos, clínicos e educacionais.** Maringá, PR: Eduem, 2014.

MARQUES, V. G. et al. Transtorno do espectro autista: o impacto na dinâmica familiar e as habilidades no cuidado. **Revista Eletrônica Acervo Saúde – REAS.** v. 13(10), 2021.

MARQUES, D. F.; BOSA, C. A. Protocolo de avaliação de crianças com autismo: Evidências de validade de critério. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 31(1), 43-51, 2015. MARTINS, M. V. B. S.; SANTOS, J. K. M.; LIMA, J. A. O impacto do diagnóstico do transtorno do espectro autista na vida familiar. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, e229111638233, 2022.

MERLLETI, C. Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais. **Psicologia USP.** V. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.

MEDEIROS, D. S. As contribuições da análise do comportamento (ABA) para a aprendizagem de pessoas com autismo:

uma revisão de literatura. **Estudos IAT**, Salvador, v.6, n.1, p. 63-83, jun., 2021.

MORAES, A. V. P. M.; BIALER, M. M.; LERNER, R. Clínica e pesquisa do autismo: olhar ético para o sofrimento da família. **Psicol. estud.**, v. 26, e48763, 2021. MOZEL, A. Autismo. **RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia.** v.4, n.1, 2023.

NASCIMENTO, A. C. et al. **Intervenção precoce em crianças com suspeita ou diagnóstico de autismo: uma revisão integrativa.** 2021, 24 f. Orientador: Acrísio Gonçalves. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). UMA – Guajajaras, 2021.

ORRÚ, S. E. **Autismo, Linguagem e Educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Ed, 2012.

PASSOS, B. C.; KISHIMOTO, M. S. C. O impacto do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista na família e relações familiares. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.1, p. 5827-5833 jan. 2022.

PEREIRA, A. B. et al. Atuação da equipe multidisciplinar no tratamento do TEA e a importância da intervenção nutricional. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.9, p. 94448-94462 sep. 2021.

PESSOA, E. M.; AGUIAR, K. G. M. Práticas interventivas do psicólogo escolar na escolarização de crianças com autismo: uma revisão de literatura. **Id on Line Rev.**

Mult. Psic. V.15, N. 56, p. 467-481, julho/2021.

RODRIGUES, D. A. et al. Os impactos psicossociais do diagnóstico do autismo no contexto familiar: uma revisão integrativa. **GEPNEWS**, Maceió, a.4, v.2, n.2, p.66-75, abr./jun. 2020.

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Corumbá, v.28, e0114, p.639-641, jan. Dez., 2022.

SANTOS, S. A. **Transtornos globais do desenvolvimento**. Curitiba: Intersaberes, 2019. (Série Pressupostos da Educação Especial).

SANTOS, M. F. R.; VIEIRA, F. A. S. Transtorno do espectro autista: Significativas contribuições da intervenção precoce multidisciplinar. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.9, p. 89539-89554 sep. 2021.

SILLOS, I. R. et al. A importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão de literatura. **Atenas Higeia**, vol.2, nº 1, jan., 2020.

SILVA, C. O. et al. Benefícios no uso de intervenção precoce em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão integrativa **Research, Society and Development**, 9(7):1-8, e256972474, 2020.

SOUZA, W. A.; DUARTE, R. C. C. Análise dos impactos do diagnóstico do

espectro autista no âmbito familiar: desafios e possibilidades. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 14, e152111435647, 2022.

SOUZA, A. G.; RUELA, G. A. O autismo infantil e a inclusão social na educação: revisão histórica e sistêmica atual. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, nº 19, 24 de maio de 2022.

SOUZA, B. C.; SILVA, J. A. O. O impacto do autismo na família: uma análise da série Atypical. **Revista Científic@ Universitas**, Itajubá v.8, n.2, p.53 - 61, 2021.

STEFFEN, B. F. et al. Diagnóstico precoce de autismo: uma revisão literária. **RSM – Revista Saúde Multidisciplinar**, 2; 6ª Ed., 2019.

VIANA, K. O. F. L.; NASCIMENTO, S. S. Efeitos da intervenção precoce no desenvolvimento de uma criança com TEA: interface entre neurociências e educação. **Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**. v.11, n.30, p.38-50, março/2021.

WEISSHEIMER- KAUFMANN, G. et al. Validação de informações para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com autismo. **Cogitare Enferm.** V.27:e 83876. 2022.



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

OS IMPACTOS DO BULLYING NOS PROFESSORES E A RELEVÂNCIA DO ECA NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Ivanete Maria da Silva Alves¹

Eduardo Cabral da Silva²

RESUMO

Neste estudo, exploramos os impactos do bullying nos professores e sua relevância na prevenção desse fenômeno nas escolas. Identificamos que os educadores frequentemente enfrentam desgaste emocional ao lidar com o bullying, destacando a necessidade de apoio emocional e treinamento adequado. Além disso, ressaltamos a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na proteção dos estudantes e a responsabilidade compartilhada de toda a comunidade educacional na criação de ambientes seguros e saudáveis. O combate ao bullying é essencial para promover o bem-estar de alunos e professores, garantindo uma educação de qualidade. A falta de recursos adequados também é um obstáculo significativo para a efetiva aplicação das medidas protetivas. Recursos materiais, financeiros e humanos são necessários para implementar programas de prevenção, capacitar os profissionais, criar estruturas de apoio e oferecer suporte adequado às vítimas de violência. Infelizmente, muitas escolas enfrentam limitações nessas áreas, o que compromete a implementação efetiva das medidas protetivas. Além disso, a falta de articulação e trabalho em rede entre as instituições também representa um desafio.

Palavras-chave: Bullying; Professor; Violência.

¹ E-mail: ivanetemarialves@gmail.com

² E-mail: edcs.cabral@gmail.com

INTRODUÇÃO

O bullying é um problema social que afeta não apenas os alunos nas instituições de ensino, mas também tem repercussões significativas nos professores. Embora as atenções muitas vezes estejam voltadas para as vítimas diretas de bullying, é fundamental reconhecer que os professores desempenham um papel crucial na prevenção e no combate a esse fenômeno, e, conseqüentemente, podem ser afetados por ele. Trata-se de algo caracterizado por comportamentos repetitivos e deliberados de agressão, intimidação, exclusão ou discriminação, geralmente conduzidos por um ou mais indivíduos com o objetivo de causar sofrimento à vítima. Esses comportamentos podem ocorrer em diferentes formas, como assédio verbal, cyberbullying, agressões físicas ou exclusão social. As vítimas de bullying podem enfrentar sérias conseqüências para sua saúde mental e bem-estar, que vão desde ansiedade e depressão até pensamentos suicidas.

É importante notar que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído no Brasil em 1990, tem previsões que buscam assegurar a proteção das crianças e dos adolescentes em ambientes escolares. Este estatuto estabelece medidas protetivas e direitos fundamentais para garantir a segurança e o bem-estar dos jovens, incluindo aqueles que frequentam as instituições de ensino.

Os professores desempenham um papel fundamental na identificação, prevenção e intervenção em situações de bullying. Eles são os observadores diretos do comportamento dos alunos e frequentemente são os primeiros a notar os sinais de alerta. No entanto, essa responsabilidade pode se tornar um fardo emocional, já que lidar com situações de bullying pode ser emocionalmente desgastante para os educadores.

Esta pesquisa explora como o bullying reflete nos professores, analisando os impactos psicológicos, emocionais e profissionais que podem surgir devido a essa exposição frequente a comportamentos agressivos e prejudiciais. Além disso, examinaremos as estratégias de apoio disponíveis para ajudar os professores a enfrentar esse desafio e a desempenhar um papel eficaz na prevenção do bullying nas escolas. O estudo visa destacar a importância de criar ambientes seguros e saudáveis nas instituições de ensino não apenas para os alunos, mas também para os educadores que desempenham um papel vital na formação da próxima geração.

REFERENCIAL TEÓRICO

Bourdieu (1998, p. 15) afirma que, “o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder”. Foucault (1979, p. 75) se dirige ao poder afirmando: [...] “esta coisa tão enigmática, ao mesmo tempo visível

e invisível, presente e oculta, investida em toda parte.”

Sobre o poder simbólico, Bourdieu (1998) complementa defendendo que

é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 1998, p. 7)

A violência simbólica, quase sempre invisível, é exercida, também de maneira simbólica, entre dominante e dominado pela via da comunicação (maneira de falar), pelo estilo de vida (maneira de agir ou pensar), pela cor da pele ou pelos emblemas e estigmas. Para que a violência simbólica ocorra, é preciso que o dominado permita ao dominante fazer com que esta relação seja vista como algo natural (BOURDIEU, 1999).

O poder simbólico somente é constituído como tal, a partir do momento em que recebe a colaboração dos seus dominados. Esta dominação se torna tão profunda e arraigada nos corpos das pessoas que mesmo acabando a influência externa do dominador, o subordinado continua se sentindo excluído (BOURDIEU, 1999). De acordo com Sawaia (2004), o poder retira da pessoa a sua condição de sujeito pelo medo e humilhação e se

apropria de forma abusiva do outro, abrindo caminho para a violência.

Como exemplo deste tipo de violência, pode-se citar o fenômeno *bullying*, que segundo Fante (2005, p. 28) “é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento”.

No fenômeno *bullying* há um desequilíbrio de poder, este está geralmente nas mãos dos alunos que se consideram mais “fortes” e populares. Porém, estes alunos ditos violentos têm sempre o apoio de um grupo, ele não está sozinho. Sobre esta ideia, Arendt (1985, p. 24) pensa que: “O “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver reunido”.

De acordo com a autora, homens isolados não possuem poder suficiente para que a violência seja efetivada. Foucault (1979, p. 75) complementa este pensamento afirmando que o poder funciona em cadeia, ele circula e “onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui”.

BULLYING E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: COMO ISSO REFLETE NO PROFESSOR?

Analisar a violência na escola se faz importante, uma vez que, na escola, os diferentes cenários sociais se apresentam de diversas formas. A violência na escola precisa ser analisada, tendo-se em vista o contexto social como um todo e, pelo fato de ela fazer parte de um processo amplo, ela não pode ser analisada de maneira isolada. (CANDAUI, 2001).

Como afirma Charlot (2005, p. 125), a violência nas escolas não é um fenômeno recente: “na França, há relatos do século XIX sobre explosões violentas em escolas de nível secundário, assim como, nas décadas de 1950 ou 1960, há registros de modos de relacionamento violentos entre alunos de escolas profissionais”. Na concepção do autor, o que muda são as formas assumidas pela violência.

Cada vez mais se discute que a escola deixou de ser um território protegido e passou a ser um lugar de agressões e conflitos. Cabe distinguir a diferença, lembrada por Zaluar (1992), entre agressividade e violência na escola: a agressividade, os conflitos e as disputas entre gerações fazem parte da vida escolar, a violência constitui um problema que necessita de uma ação educativa.

A escola não pode ser considerada apenas como uma “caixa de ressonância” da violência social. A escola é também

considerada um veículo de produção e de disseminação da violência simbólica na nossa sociedade (ABRAMOVAY, 2005).

O processo de violência na escola está relacionado ao não cumprimento das normas sociais e estaria ligado à “incivilidade”, ou seja, a uma crise no processo civilizatório. As pessoas devem compartilhar regras comuns de comportamento em sociedade e, muitas vezes, esse pacto social não é respeitado. Segundo Barreto (1992, p. 64), “instala-se a violência, tornando inviável a vida social, quando a ordem de valores éticos é rompida e não é transmitida às novas gerações”. A norma não é universal, ela está inscrita no tempo e na maneira como operam as práticas sociais.

Para Heller (2004), a pessoa que respeita as regras da sociedade age dessa forma mesmo estando sozinha, pois ela já está vinculada às normas da comunidade. O não cumprimento das regras pode ser visto também como uma forma de protesto, como afirma Guimarães (*apud* CANDAUI, 2001, p. 31): “as depredações, as pichações, as brigas entre alunos e a formação das turmas, das gangues podem representar uma forma de persistência social que se nega a submeter-se”. A violência, neste caso, pode ser compreendida como uma forma coletiva de negação das normas, pois, como afirma Foucault (1979), as normas, muitas vezes, são vistas como uma forma de violência:

É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que

uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam. Em si mesmas as regras são vazias, violentas, não finalizadas; elas são feitas para servir a isto ou àquilo; elas podem ser burladas ao sabor da vontade de uns ou de outros. (FOUCAULT, 1979, p. 25)

São várias as críticas ao modelo violência-anomia, entre elas, destacam-se a própria legitimidade das normas, pois estas, de certa forma, representam algo imposto e não deixa de ser também considerada como uma violência (ABRAMOVAY, 2002).

Charlot (2005, p. 127) afirma que a violência escolar pode se manifestar em três tipos: a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola. A violência na escola, segundo o autor, é aquela que se produz dentro do espaço escolar (a escola é só um espaço de violência que poderia ter acontecido em outro lugar). A violência à escola é aquela direcionada ao patrimônio e às autoridades da escola (professores, diretores e demais funcionários) e deve ser analisada junto com a violência da escola: ocorre na escola e dentro da escola e se caracteriza como uma violência simbólica, por exemplo, palavras racistas dirigidas aos alunos, distribuição das classes e sistema de notas etc.

Os xingamentos e insultos são instrumentos de humilhação que são repassados de uma geração para outra. Considerando a escola como uma instituição que faz parte da sociedade, os preconceitos

nela existentes também estão dentro das escolas.

Pode ser amplo o cenário da violência na escola: agressões físicas, delitos, agressões verbais, discriminações e os atos que podem passar despercebidos como as incivildades. Mesmo não sendo aparentemente graves, elas causam sérios constrangimentos às suas vítimas e perturbam a vida cotidiana. São atos como xingamentos, agressões verbais, discriminações, desrespeitos, ofensas e discussões que ocorrem por motivos banais e comprometem as regras da boa convivência. A violência de “baixa intensidade” não é levada tão a sério como a “violência armada”, porém, podem causar problemas graves para a saúde mental dos alunos e ao desempenho escolar (ABRAMOVAY, 2005).

Este tipo de violência escolar, como os atos de incivildade (humilhações, falta de respeito, intimidações) são chamados por Bourdieu de poder “oculto” ou violências simbólicas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada foi voltada para a revisão bibliográfica. Este estudo seguiu uma concepção filosófica interpretativista, que considera a interpretação e análise de textos como essenciais para a compreensão da realidade. A pesquisa também se baseou em uma abordagem epistemológica construtivista, que busca construir conhecimento a partir da interpretação crítica de teorias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Paga-se um preço para fazer parte de um grupo poderoso. De acordo com Elias e Scotson (2000), pertencer a um grupo que tem poder é a recompensa pela submissão às normas desse grupo. Os membros do grupo precisam obedecer às obrigações impostas pelo fato de pertencerem a esse grupo. De acordo com os autores, o termo *outsiders* refere-se àqueles que não pertencem à “boa sociedade”, os que estão fora dela. Já os *estabelecidos* pertencem a uma sociedade mais poderosa e melhor. Porém, existe uma relação desigual entre os dois grupos que estão separados e unidos por laços de interdependência (ELIAS E SCOTSON, 2000, p.08).

As vítimas do *bullying* são estigmatizadas pelo grupo, geralmente por serem diferentes em algum aspecto físico ou social. Pode-se considerar, então, que estas pessoas pertencem aos chamados grupos *outsiders*. Para Bourdieu,

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não têm outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da *assimilação* a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de

dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima. (BOURDIEU, 1998, p. 124)

Certamente, a violência simbólica está presente no fenômeno *bullying*, porém, o dominador não está sozinho em atos de desrespeito e violência, é preciso que a “vítima” saia da posição passiva (dominada) que ocupa, para que o poder do dominante enfraqueça. Como pondera Foucault,

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1979, p. 241)

Os agressores, por sua vez, buscam cada vez mais o poder sobre o outro, estabelecendo uma relação desigual, de desequilíbrio e disseminação das diversas formas de violência. O poder sobre o outro, na visão de Crochík, está relacionado à luta das pessoas para obterem um espaço na sociedade:

A sensação de superioridade do preconceituoso em relação à sua vítima é solicitada por uma cultura que não permite um lugar fixo a ninguém, pois é a própria insegurança de todos os indivíduos, é a eterna luta de todos contra todos, que a sustentam (CROCHÍK, 2006, p. 50).

Para que a humilhação, como “sapatão”, “crioulo”, “baixinho”, tenha o poder de ferir, é importante que destinatário e usuário tenham a consciência de que a provocação tem o aval de um grupo que se sente superior, estabelecido. O membro do grupo *outsiders* sente-se envergonhado por não fazer parte das normas do grupo superior. Os membros do grupo *outsiders* não têm o poder de ferir os membros do grupo “superior”, existe uma relação desigual de poder. O que existe são pressões e tentativas do grupo *outsiders* para reduzir a sua situação de inferioridade, enquanto os grupos estabelecidos lutam pela manutenção ou aumento do poder (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27).

Este tipo de violência simbólica, sutil ou manifesta, que teve início na própria cultura, torna-se algo profundo na vida da pessoa que um dia foi vítima, na infância ou adolescência, que mesmo se tornando adulta, ela não consegue, muitas vezes, esquecer o que viveu e sair da posição de subordinação. Reconhecer a dominação é uma maneira de tentar mudar a situação e sair dessa relação em que o subordinado colabora com o poder simbólico do subordinador. É preciso fazer do poder algo positivo e de produção do saber, porque ele não tem a função apenas de reprimir, censurar e excluir o outro (FOUCAULT, 1979).

Quando a relação entre as pessoas é permeada pelo medo, a vítima, muitas vezes,

sente-se enfraquecida permitindo que a humilhação aconteça. No cotidiano escolar, este fato acontece quando as vítimas são ameaçadas por alunos mais velhos ou pelos grupos que se juntam para terem o poder sobre o outro.

A educação e a cultura são inseparáveis. A educação transmite a cultura, não havendo cultura nem melhor nem pior, há culturas diferentes. A educação não é única, ela varia nas diferentes culturas e tempos, além de se fazer de diferentes modos.

O tema “cotidiano” é de suma importância nas pesquisas sociais, educacionais e nas ciências humanas. Diferentes correntes irão trabalhá-lo, tornando-se privilegiado a partir dos anos 50, onde a questão da vida diária, das ações cotidianas passam a chamar a atenção de pesquisadores que veem, nesse campo, um lugar rico em questões sociais.

Segundo Penin (1989), não é possível separar a vida cotidiana dos outros níveis da sociedade. “Estamos ao mesmo tempo, na vida cotidiana e fora dela. Isso significa que o nível cotidiano não é um campo fechado, mas liga-se a outros níveis da realidade, assim como à globalidade” (PENIN, 1989, p.16).

Através do estudo do cotidiano, o pesquisador percebe que pela repetição dos fatos, no tempo e no espaço, pode-se medir ou descrever a ação e o comportamento individual (CHIZZOTI, 2001). A partir da conduta do indivíduo, é possível definir como se

estruturam as normas, os estatutos e esta análise do cotidiano é medida de forma estatística e permite medir a vida diária.

Segundo Heller,

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. (HELLER, 2004, p. 17)

No cotidiano da vida escolar, os problemas como preconceito e violência, que fazem parte da sociedade, entram na escola e reproduzem o mesmo modelo existente na vida social, isso porque, segundo Heller (2004, p. 50), “partimos do fato de que a vida cotidiana produz, em sua dimensão social, os preconceitos [...]”

A escola está inserida na sociedade, num tempo e num espaço sócio-histórico, assim como os sujeitos de uma sociedade vivem também neste mesmo contexto cultural. Então, o aluno passa a não existir e sim um sujeito sociocultural que desempenha o papel de aluno. De acordo com Araújo (2002, p.19) “O ser humano não se faz sozinho, sem a sociabilidade que o inclui no mundo da cultura”.

A escola tem sempre um caráter social porque ela está especificamente encarregada de transmitir os conhecimentos culturais. É na

escola que acontecem a reprodução do velho e a construção do novo, através de atitudes ativas e negociações entre seus sujeitos.

A escola é um lugar de produção das identidades sociais, produção de valores, normas individuais e coletivas e preconceitos, portanto, ela é em parte responsável pela formação da personalidade dos seus alunos. Não se pode negar que, certa forma, a escola exerce sobre o aluno uma violência simbólica, pois exige a ação do adulto sobre a criança e uma certa imposição das regras, limites e regulação sobre ela. A criança não tem como escolher ser ou não ser educada e nem a maneira como o será (ARAÚJO, 2002 p.19).

Os alunos que chegam à escola trazem consigo o seu cotidiano, suas relações sociais e, por mais que eles falem a mesma língua e haja uma aparência homogênea nas relações, na realidade, o que existe é uma diversidade cultural dentro da escola. Os sujeitos não são agentes passivos, ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações, que são importantes na construção da identidade e está só pode ser construída a partir da interação. Segundo Heller (2004, p. 19), “o homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade [...]”

Aquino (1998, p.39) percebe a escola como sendo o lugar do diferente, quando ele afirma:

[...] a escola é o lugar não só de acolhimento das diferenças humanas

e sociais encarnadas na diversidade de sua clientela, mas fundamentalmente o lugar a partir do qual se engendram novas diferenças, se instauram novas demandas, se criam novas apreensões sobre o mundo já conhecido. Em outras palavras, a escola é, por excelência, a instituição da alteridade, do estranhamento e da mestiçagem – marcas indeléveis da medida de transformabilidade da condição humana (AQUINO, 1998, p.39)

Cada aluno teve um desenvolvimento cognitivo único, pessoal, com experiências e relações sociais próprias. Cabe à escola reconhecer essas diferenças, procurando evitar um tratamento uniforme, que só vem a reforçar as desigualdades e injustiças das origens sociais dos alunos. A escola precisa compreender o sujeito sociocultural que possui uma historicidade, com sentimentos, emoções, desejos e hábitos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bullying é um problema grave que afeta não apenas os alunos, mas também os professores, que desempenham um papel fundamental na prevenção e combate a esse fenômeno. Esta pesquisa explorou os impactos do bullying nos professores, destacando os efeitos psicológicos, emocionais e profissionais que podem surgir devido à exposição frequente a comportamentos agressivos e prejudiciais.

Identificamos que os professores que lidam com situações de bullying podem enfrentar um grande desgaste emocional. A

necessidade de intervir, a preocupação com o bem-estar dos alunos e a pressão para manter um ambiente escolar seguro podem ser fontes significativas de estresse. Os educadores podem experimentar sentimentos de impotência, frustração e exaustão emocional.

É fundamental reconhecer a importância de fornecer apoio adequado aos professores que enfrentam o bullying em suas escolas. Estratégias de apoio emocional, como aconselhamento e programas de bem-estar, são essenciais para ajudar os educadores a lidar com o impacto emocional do bullying. Além disso, a formação adequada e o desenvolvimento de habilidades para prevenir e gerenciar o bullying são cruciais.

Também destacamos a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) na proteção das crianças e adolescentes nas escolas. O ECA estabelece medidas protetivas e direitos fundamentais que devem ser garantidos em ambientes educacionais. É fundamental que as autoridades e a sociedade como um todo se comprometam a assegurar que essas medidas sejam efetivamente aplicadas e respeitadas.

Em última análise, a prevenção do bullying nas escolas é uma responsabilidade compartilhada que envolve educadores, alunos, famílias e a comunidade em geral. Garantir que os professores recebam o apoio de que precisam é um passo essencial para criar um ambiente educacional seguro e saudável, onde tanto os alunos quanto os

educadores possam prosperar. É necessário reconhecer que o combate ao bullying não é apenas uma questão de políticas escolares, mas também de cuidado com o bem-estar de todos os envolvidos na jornada educacional.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (coord). **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam. **Escolas de paz**. Brasília: UNESCO, Governo do Estado do Rio de Janeiro/ Secretaria de Estado de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

_____ (coord). **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

_____ (coord). **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

AQUINO, Julio Groppa (org). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 1998.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola: suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ARENDT, Hannah. **Da violência**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BARRETO, Mônica Ismerim. **Como veem, o que pensam, como agem os professores e professoras do município de Aracaju frente à homossexualidade**. São Cristóvão, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo

de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2009.

BARRETTO, V. Educação e violência: reflexões preliminares. In: ZALUAR, A. (org.). **Violência e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

SANTOS, Maria de Fátima Souza. Representações sociais e violência doméstica. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo (orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p.132-145.

SAWAIA, B. B. Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico? In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p.21-42.

SILVA, Divino José da; LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra (orgs). **Valores, preconceito e práticas educativas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SIMMONS, Rachel. **Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão entre meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

SMITH, K. Peter. Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catharine (Orgs.) **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 187-202.

SOUZA, Lídio de. Processos de categorização e identidade: Solidariedade, exclusão e violência. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão:**

convivendo com paradoxos. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004. p.57-74.

SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo(orgs.). **Violência e exclusão: convivendo com paradoxos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

TARDELI, Denise D' Áurea. Aprender a conviver: a violência no ambiente escolar. In **Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à psicologia da educação.** São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009. p.103-112.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1990.

ZALUAR, Alba (org.). **Violência e educação.** São Paulo: Cortez, 1992.



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

A INCLUSÃO DAS PPNES NAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

Poliana Paulino da Silva¹
Juliana Nobre Nobrega²
Carla Waleska Gomes de Araújo³
Cleidejane Soares de Barros⁴
Alecy Melo dos Santos

RESUMO

O objetivo deste trabalho é diagnosticar a situação da inclusão de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais na rede de ensino no Brasil. E tem como pergunta norteadora: Como está sendo o processo de educação inclusiva nas instituições escolares e seus desafios? A pesquisa analisou produções científicas publicadas entre 2018 e 2023, nos sites: Periódicos Capes, BVS e Scielo. O período de coleta dos dados correu no mês de setembro de 2023. Como critério de inclusão foram utilizados artigos científicos relacionados ao tema e com menos de 5 anos de publicação e, como critérios de exclusão, artigos científicos que não contemplam a temática educação inclusiva na rede de ensino. Como sabemos, a educação inclusiva é um dos novos desafios para a gestão escolar face às novas exigências que se colocam às escolas no contexto de uma sociedade democrática e em mudança. Hoje, as escolas estão ganhando atenção pública em uma sociedade global e economia baseada no conhecimento, reconhecendo que a educação tem grande valor estratégico e é uma importante condição qualitativa para o desenvolvimento pessoal em qualquer meio social.

Palavras-chave: Inclusão; Educação especial; Professores.

¹ E-mail: poly_paulino@hotmail.com

² E-mail: juliananobre.bsa@outlook.com

³ E-mail: carlawaleska@hotmail.com

⁴ E-mail: dr.csb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda um tema relevante sobre a inclusão das PPNEs nas instituições escolares. Trata-se de uma temática muito debatida no meio acadêmico.

Nessa perspectiva, a questão é identificar se a rede de ensino regular tem garantido ou não os direitos educacionais das pessoas com necessidades especiais e possibilitado que tenham acesso à educação de forma igualitária.

A proposta de inclusão dos alunos no âmbito escolar, enfatizada pelas normas e diretrizes internacionais, levou a um dos maiores desenvolvimentos educacionais e sociais da história recente e impulsionou uma mudança significativa na forma de compreender e estruturar algumas áreas sociais. Para isso, a educação com fins inclusivos torna-se um componente importante que promove ações e atitudes mais democráticas, equitativas e igualitárias. É na proposta de uma escola que inclua pessoas portadoras de necessidades especiais (PPNE) que essa discussão é facilitada, e também desencadeia questões e desafios que são historicamente significativos para a atenção dos seus alunos. (ANTUN, 2018)

Com um histórico limitado, percebe-se que, desde 1985, as políticas educacionais têm gerado discussões e ações

mais significativas na busca pela inclusão de alunos com necessidades especiais. Foi já em 1990, com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que se reconheceu a necessidade de ações voltadas à inclusão de alunos com especialidades educacionais. Artigo 54, inciso III: compete ao governo prestar às crianças e aos adolescentes serviços educacionais especiais para pessoas com deficiência (ANTUN, 2018)

É importante notar que as negociações sobre esta política de serviços educacionais também foram conduzidas por organizações internacionais, estas organizações tinham o objetivo de reconsiderar a qualidade da educação para todos os alunos, portanto entraram no cenário internacional. Um exemplo é a Declaração Mundial de Educação para Todos, consagrada pela Organização Educacional e Científica das Nações Unidas em 1990, que sugere superar as diferenças educativas com decisões que possam garantir o acesso igualitário ao sistema educacional de ensino. (OLIVEIRA; OMOTE, 2018)

Com isso, em nível nacional, a polêmica discussão a respeito da proposta de educação inclusiva ocorreu porque a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aprovada em 1996, exigia igualdade de acesso à educação. Em geral, o objetivo do ensino regular é atender a

todos os alunos. Esclarece, no artigo 3º, nos incisos I, II e IV, que o conceito de igualdade de acesso e permanência, no que diz respeito à liberdade e à valorização da tolerância, deve ser fundamento e princípio da Educação. (OLIVEIRA; OMOTE, 2018)

Neste sentido, considerar-se que contemplar um procedimento de inclusão escolar que tenha em conta os comportamentos de exclusão próprios das escolas é a prática de assumir que uma atenção significativa deve ser dedicada ao carácter elitista e uniforme das práticas educativas e à sua falta de preocupação com a diversidade dos estudantes, isso exige um despertar mais ético em decorrência da questão social baseada em exclusões e desigualdades (FERREIRA, 2019).

São os professores que assumem a difícil tarefa de integrar, apesar das inúmeras deficiências do sistema educacional brasileiro, seus esforços, para que todos os seus alunos, inclusive os alunos com deficiência, tenham como objetivo a superação de todos os problemas existentes em seus esforços para fazer parte e se enquadrar no sistema regular de ensino. (SOUZA, 2018)

Para conseguir isso, a educação inclusiva envolve monitorizar, melhorar e manter a formação de professores, a fim de implementar métodos de ensino inclusivos, responder às preocupações da sociedade e remover preconceitos, discriminação e

barreiras entre indivíduos e comunidades. (OMOTE, 2018)

A exigência de alterações nas práticas educativas, incluindo o compromisso de proporcionar um ensino de qualidade a todos os alunos, é um dos aspectos mais fundamentais que conduzirão ao aumento e melhoria da qualidade educativa tanto para os alunos com deficiência como para os alunos regulares. Portanto, mesmo diante das diversas barreiras excludentes que cercam nossas vidas, todos poderão crescer, formar-se com uma maior diversidade de conteúdos de qualidade, tornar-se um cidadão consciente, desenvolver-se pessoal, profissionalmente, terá chances de sucesso social (SILVA, 2020)

Para compreender essas questões, através deste artigo, buscamos responder à seguinte questão importante: Como está sendo o processo de educação inclusiva nas instituições escolares e seus desafios?

Assim sendo, o objetivo deste estudo foi verificar a situação do papel do professor na educação inclusiva e suas dificuldades encontradas, além de relacionar as descobertas acadêmicas sobre esse tópico e orientar os resultados futuros na busca para contribuir de maneira prática.

MÉTODOLOGIA

A metodologia aplicada ao presente artigo é a revisão sistemática, que

apresentou as etapas dispostas no Quadro 1 abaixo. Respeitando a identificação dos artigos pré-selecionados e selecionados através da leitura dos agentes indexadores das publicações, como resumos, palavras-chave e títulos; formação de uma biblioteca individual, bem como, a avaliação crítica

dos estudos selecionados; análise, interpretação e discussão dos resultados e a exposição da revisão no formato de artigo, que apresenta sugestões para estudos futuros.

Quadro 1 – Etapas da Revisão Sistemática. Como a gestão escolar vem possibilitando a educação inclusiva seguindo as orientações dos documentos oficiais?

ETAPA	TÓPICOS DE CADA ETAPA	DETALHAMENTO DE CADA TÓPICO		
1 ^a	Tema	A inclusão das PPNES nas instituições escolares		
	Pergunta norteadora	Como está sendo o processo de educação inclusiva nas instituições escolares e seus desafios?		
	Objetivo geral	Diagnosticar a situação da inclusão de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais na rede de ensino no Brasil		
	Estratégias de busca	1. Cruzamento de descritores por meio do operador booleano AND; 2. Uso de descritores estruturados (codificação) no DECS ou MESH; 3. Uso de metadados (filtros).		
	Bancos de terminologias	Banco	Link	
		DeSC	http://decs.bvs.br/	
		MeSH	https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh	
	Descritores livres e estruturados	Descritor	DeSC (Registro)	MeSH (Identificador Único)
		Desafios Educacionais	11325	D011640
		Educação Inclusiva	5261	D004493
	String de busca	Desafios Educacionais END Educação Inclusiva		
	Bibliotecas Virtuais	Link		
BVS		https://bvsalud.org/		
Scielo		https://search.scielo.org/		
Periódicos Capes		https://www.periodicos.capes.gov.br/		
2 ^a	Período de coleta dos dados	Agosto de 2023		
	Critérios de inclusão	3. Texto (artigos de espécie científico). 4. Publicação (2018-2023).		
	Critérios de exclusão	1. Artigos que não contemplam a temática “Desafios Educacionais e Educação Inclusiva”.		
3 ^a	Número de trabalhos selecionados para revisão sistemática a partir da leitura dos agentes indexadores das publicações (tema, descrição, ementa).		15	
4 ^a	Categorias obtidas com a análise dos documentos investigados <i>online</i> gratuitos e de livre acesso.		02	
5 ^a	Tecnologias digitais utilizadas	Tecnologia (software ou website)	Link	Utilidade
		WordArt: Nuvem de palavras	https://wordart.com/	Construir nuvem de palavras e frequência das palavras-chave para criar as categorias temáticas.

Fonte: Elaborada pelo autor.

RESULTADOS**Quadro 2** – Total de documentos disponíveis nas Plataforma BVS e Scielo, obtidos por string de busca.

String de busca	Bases de dados Plataforma	Total de publicações sem o filtro	Publicações disponíveis após aplicar os filtros	Publicações aproveitadas na Revisão Sistemática
Gestão Escolar AND Educação inclusiva	BVS	162	69	07
	Scielo	48	25	03
	Periódicos Capes	98	33	05
	TOTAL	308	127	15

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com o quadro 2, as plataformas pesquisadas disponibilizaram 308 artigos científicos relacionados a pesquisa, com a utilização de filtros 127 artigos científicos continuaram atendendo

os critérios de inclusão, e destes foram realizados 15 downloads, por corresponderem a todos os critérios de inclusão, sendo submetidos às etapas da revisão sistemática.

Quadro 3 - Descrição dos artigos conforme os critérios de inclusão.

ART.	AUTOR(A)	TEMA	ANO DA PUBLICAÇÃO	CONCLUSÃO
1	Leticia de Lima Borges	Modos de pensar a infância: um convite ao pensamento a partir da educação especial	2019	É preciso que o poder público se atente ao caráter emergencial da necessidade de regularização, cobrança e registro de dados e denúncias afim de construir medidas de fiscalizar a efetividades das ações inclusiva das escolas brasileiras que podem (e provavelmente estão) prejudicando o desenvolvimento cognitivo, motor e/ou social de crianças com deficiência
2	Priscila Pereira Boy	Educação Inclusiva: desafios e possibilidades	2019	Para que a inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino se efetive, devemos investir na preparação dos professores para lidar com essa nova realidade. As políticas públicas para a inclusão devem ser concretizadas na forma de programas de formação continuada, participativa e com acompanhamento contínuo, que orientem o trabalho docente na perspectiva da educação inclusiva. O professor é um mediador dentro da sala de aula. O papel de mediador exige postura compreensiva, diálogo, flexibilidade e delicada firmeza.
3	Rodrigo Simão Camacho e Jaqueline	Um debate acerca de saberes necessários à	2020	Portanto, consideramos a inclusão desses respectivos grupos, como uma ação que envolve todos os educandos que vivem segregados do seu acesso à educação formal

	Machado Vieira	prática pedagógica na perspectiva da inclusão escolar em escolas do campo nas mesorregiões Centro-Norte e Sudoeste de MS		ou cercados da garantia do direito a conteúdos e metodologias adequados a sua especificidade, sejam eles educandos do campo ou cidade, com deficiências ou sem deficiências, para que possam alcançar a autonomia e a cidadania com o direito do respeito à diversidade
4	Marco Ferreira	Educação inclusiva: o professor como epicentro do processo de inclusão	2018	A inclusão implica reconhecer que os alunos não estão todos ao mesmo nível da aprendizagem, que apresentam diferentes pontos de partida e realizam percursos de aprendizagem distintos, podendo atingir patamares de objetivos e competências diferentes. A intervenção educativa de qualidade terá que contar com esta característica de aprendizagem, para proporcionar o sucesso de cada um.
5	Debora Garofalo	Educação inclusiva: veja dicas para integrar os alunos nas aulas	2019	A educação inclusiva é um caminho para contemplar a diversidade mediante à construção de uma escola que ofereça uma proposta e que atenda as reais necessidades de cada um, criando espaços de convivência. São muitos os desafios a serem enfrentados. Porém, as iniciativas e as alternativas realizadas pelos professores são fundamentais neste processo
6	Bruna Kich	Narrativas de gestores de escolas públicas frente à política de inclusão escolar: um estudo de caso na região centro-oeste-RS	2018	Por fim, ressaltamos que as discussões resultantes deste estudo não são incomuns ou ainda não foram identificadas por outros/as pesquisadores/as. Contudo, destacamos a importância de se estabelecer esse debate para continuarmos a tensionar e a problematizar práticas, discursos, contextos e políticas públicas de modo contextualizado, demonstrando que existem múltiplas possibilidades de se desenvolver práticas de maneira mais inclusiva na escola e que essas estão pautadas nas subjetividades dos atores que na escola atuam.
7	Mara Lago	Autismo na escola: ação e reflexão do professor	2019	Concluo ainda que a concepção de inclusão formulada pelas professoras não é resultado direto de uma formação específica, mas, entre outras coisas, resultado de experiências vividas e valores constituídos a partir do convívio com crianças portadoras de necessidades especiais. Caracterizou-se que esta concepção se desenvolve através da lógica das relações em que as diferenças são concebidas como parte integrante das relações entre todos os envolvidos

8	Mariana Moraes Lopes	Perfil e atuação dos profissionais de apoio à inclusão escolar	2018	Assim, é preciso que sejam tomadas medidas para regulamentar a presença desses profissionais, definindo critérios e modos de contratação, melhorando as condições de trabalho, provendo formação e supervisão contínua e garantindo que todos os demais apoios necessários para se garantir uma política efetiva estejam presentes nas escolas.
9	Gilberto Ferreira da Silva	Educação Especial e diversidades: emergências atuais	2020	Pensar a Educação Especial e as diversidades na contemporaneidade é problematizar também os jogos discursivos que instituem certas práticas como necessárias e, nesse processo, naturalizam um gerenciamento educativo que posiciona e hierarquiza os sujeitos abarcados pela Educação Especial, produzindo normalizações. São discursos inquestionáveis, na medida em que se apresentam como estímulos de lutas pelos direitos, com a ideia de luta por uma cidadania democrática e igualitária
10	Christianne Thatiana Ramos de Souza e Eniceia Gonçalves Mendes	Revisão sistemática das pesquisas colaborativas em educação especial na perspectiva da inclusão escolar no Brasil	2023	Podemos afirmar que os estudos qualificados como pesquisas colaborativas em inclusão escolar realizados no Brasil estão procurando cada vez mais contribuir para mudanças efetivas no contexto de ensino de alunos PAEE. Isto produz uma mudança importante no cenário investigativo educacional, visto que, nós pesquisadores estamos deixando de somente apontar os problemas nas políticas e práticas de inclusão escolar, como também, começamos a contribuir para uma melhora deste cenário, cumprindo, assim, um importante papel social da pesquisa.
11	Anna Augusta Sampaio de Oliveira, Sadao Omote e Claudia Regina Mosca Giroto	Inclusão escolar: as contribuições da educação especial	2018	Todavia, a sua solução é uma questão antes política que didático-pedagógica e científica. Depende da vontade geral e política não só de governantes e altos dirigentes, mas de todas as pessoas da comunidade escolar intra e extra-muros. Se, de fato, queremos construir a educação inclusiva, superando a barreira da retórica e da simulação, então é hora de fazemos a revisão de velhos dogmas, crenças e práticas, um grande mutirão para essa revisão.
12	Gabriel Gonçalves de Oliveira e Lérica Maria Mendes Veloso	Principais desafios da inclusão dos alunos com deficiência no sistema educacional	2020	inclusão dos alunos com deficiências nas escolas comuns está consagrada nos textos legais, entretanto, a educação inclusiva não se esgota na observância da lei que a reconhece e garante, mas requer uma mudança de postura, percepção e de concepção dos sistemas educacionais
13	Camila Mugnai	Atitudes sociais de	2023	O professor é o grande modelo para seus alunos; suas ações e seu discurso são

	Vieira e Sadao Omot	professores frente à inclusão: Formação e mudança		observados atentamente pelos estudantes, que intencional ou inconscientemente os reproduzem em seus comportamentos e interações. Assim, o professor necessita conscientizar-se a respeito de seus próprios sentimentos, concepções e ações em relação às pessoas PAEE. Precisa aprender a desenvolvê-los adequadamente e esforçar-se para expressá-los de modo a colaborar para a construção de conhecimentos adequados e de atitudes sociais favoráveis à inclusão de seu alunado
14	Ana Paula Zerbato	Desenho Universal Para Aprendizagem na Perspectiva da Inclusão Escolar: Potencialidades e Limites de uma Formação Colaborativa	2023	Isto posto, podemos considerar que o DUA pode ser o embasamento para um delineamento plural de ensino no contexto da diversidade. E se falamos em pluralidade, precisamos falar de flexibilidade e possibilidades variadas nas maneiras como se estrutura e se organiza a educação inclusiva bem como a formação daqueles que vão atuar nas escolas, com a diversidade. Essas considerações e todo o processo reflexivo construído sobre a teoria que fundamentou este estudo nos leva a ponderar que o conceito de Desenho Universal para a Aprendizagem fica mais expressivo em contexto educacional nacional quando denominado de Desenhos Múltiplos para a Aprendizagem
15	Claudia Honnef	O trabalho docente articulado com concepção teórico-prática para a educação especial	2018	A organização escolar guiada pelas políticas públicas, pelas metas a serem atingidas e pela gestão educacional, hoje revela números elevados de alunos em sala de aula, a quantidade escassa de professores nas escolas, tanto de Ensino Comum como de Educação Especial, e as condições precárias de trabalho destes.

Fonte: Plataformas: BVS, Scielo, Periódicos Capes, 2023.

Através da Plataforma online *WordArt* o conteúdo textual dos artigos selecionados foi avaliado através da frequência de palavras, que resultou na nuvem de palavras, correspondente a Figura 1.

A plataforma *WordArt* é uma ferramenta que agrupa e organiza graficamente as palavras-chave demonstrando as mais frequentes, contribuindo para definição das categorias que irão compor o presente estudo.

DISCUSSÕES

1 O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE INCLUSÃO

Ao se falar em inclusão escolar, inicialmente entendemos que a inclusão é muito mais que somente uma adaptação em um espaço físico para alunos com alguma deficiência. Determina a importância de uma mudança profunda nas escolas, incluindo a metodologia, os conteúdos pedagógicos e, sobretudo, a participação de todas as pessoas como parte de um processo abrangente onde desempenham um papel importante na implementação das atividades elaboradas. Partindo deste ponto, buscamos entender na lei, sobre o papel do professor educacional sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas instituições de ensino. (CAMACHO, 2020).

Para a construção de comunidades inclusivas, é necessário ter como objetivos da escola, preparar equipes para o trabalho colaborativo, compartilhando conhecimento e proporcionando tempo para que os professores reflitam sobre suas práticas pretendidas, onde possam planejar e avaliar os resultados esperados. (MELLO; MENEZES, 2018)

O professor é o intermediário entre o aluno e o conhecimento, sendo ele o responsável por promover situações educacionais nas quais os alunos com

necessidades educacionais especiais superem o bom senso e avancem em seu potencial emocional, social e intelectual, tudo isso realizado através da quebra de barreiras do professor (DIAS, 2018).

Os professores devem considerar a educação como um todo, há necessidade de coordenação entre os professores e gestores, e é necessária uma redefinição do papel e das ações do professor, no pensamento sistêmico. É importante considerar o conceito de aprendizagem como um processo partilhado e transformador que envolve a formação dos alunos no mundo real, e não apenas na sua comunidade local. Em última análise, considerar a relação entre a educação e os aspectos da ética, estética e política; considerar a ligação à democracia como um ideal. (LOPES, 2018).

Os profissionais que desejam atuar na área educacional devem estar cientes da diversidade de seus alunos, devem buscar exercer seu papel de forma justa e solidária, baseada no respeito, devem eliminar todas as formas de discriminação na busca pela formação de cidadãos competentes que conviver com as diferenças. (LAGO, 2019).

O professor deve ser considerado parte da escola, como um todo, deve ter responsabilidade e compromisso com o aluno, isso lhe proporcionará o apoio necessário para se tornarem participantes

ativos da sociedade como um todo, e ainda que a característica mais importante da atividade profissional do professor é fazer a mediação entre o aluno e a sociedade. Quando o educador consegue compreender o pensamento íntimo dos alunos, quando eles têm uma diferença perceptível na forma como veem o processo educacional, então o potencial para uma aprendizagem significativa aumenta. (FERREIRA; CADA VIECO, 2019).

Estabelecer uma relação afetiva com os alunos pode ser difícil para alguns professores, pois muitas vezes têm de “esquecer” a sua posição, que alguns alunos podem não partilhar, nem sempre está de acordo com o estilo do professor. Como resultado, um aluno que não atende às expectativas por motivos imaginários ou reais, ou que não anda na velocidade esperada, apresenta uma variedade de emoções conflitantes que o professor precisa abordar em sala de aula. As disputas estão no centro das interações humanas, assim, apesar do reconhecimento de que a relação pedagógica é facilitada por determinadas atitudes, seria irrealista acreditar que o professor teria igual simpatia em todas as situações (VIEIRA; OMOTE, 2021).

Os sistemas educativos teriam de ser concebidos para acomodar a diversidade e o ensino centrado no aluno e adaptado às

necessidades de cada aluno. Como resultado, reconhece-se a necessidade de pesquisa e desenvolvimento em relação a práticas profissionais mais flexíveis que envolvam a cooperação entre diferentes profissionais escolares, como mobilizar recursos para uma melhor formação dos educadores (ZERBATO, 2018).

2 COMPLEXIDADES E DESAFIOS NO ENSINO INCLUSIVO

Inclusão na educação significa oferecer educação de qualidade para qualquer pessoa, valorizando e reconhecendo a diversidade de nossos alunos. A individualidade é levada em conta no processo da construção do conhecimento e repensar e transformar a educação no âmbito da educação e da política. A atuação de toda a equipe escolar, desde a equipe docente, administrativa e de limpeza, além das famílias e alunos, é fundamental para a concretização desses ideais. (HONEFF, 2018)

As escolas públicas têm inúmeros problemas que resultam na garantia de uma educação inclusiva, sabemos que existem inúmeras críticas porque o ensino em muitas instituições não é considerado de qualidade, o mais significativo deles é a falta de respeito ao trabalho, a falta de recursos para trabalhar e condições precárias das instalações. Esse cenário é

comum nas escolas públicas brasileiras, por isso é necessária a consideração da educação inclusiva, pois diferentes alunos têm necessidades diferentes (HONEFF, 2018)

As dificuldades associadas à educação inclusiva no Brasil envolvem inicialmente os aspectos legais deste direito, por isso, os autores citam o ECA como um dos passos significativos para a educação e a vida de crianças e adolescentes com necessidades especiais, onde fica claro no art. 54, III, que fica sendo de responsabilidade do Estado essa garantia, com preferência no ensino regular (BORGES, 2019).

Parece simples de incluir, mas não é, estamos discutindo a interação, a participação de recursos que faz com que cada aluno que tenha alguma dificuldade se sinta igual ao realizar uma tarefa em sala de aula. Quando discutimos o que seria necessário para o perfil típico de uma escola inclusiva, acreditamos que sejam componentes básicos, porém toda alteração necessita de recursos financeiros e investimentos, que é o que muitas vezes se torna o maior problema na rede pública de ensino (ANTUN, 2018).

Este tema deve ser implementado dentro da escola e são mencionadas algumas das formas de promover esta mudança, nomeadamente, transformar a

educação num processo acolhedor, a diversificação do currículo, a promoção da discussão, incluindo a comunidade e a família, têm tecnologia assistiva, têm projeto de inclusão e flexibilizam o currículo (GARAFALO, 2019).

É importante tornar o currículo educacional mais maleável e adaptado às necessidades e fatos de cada aluno. Entendemos que não é uma tarefa simples, principalmente quando os recursos são limitados, mas é fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem desses alunos. Preservar a diversidade no ambiente escolar é uma oportunidade de cumprimento das exigências educacionais, com foco nas capacidades e competências dos alunos, isso promove uma abordagem humanizada e com foco nas relações interpessoais (GOMES; BARBOSA 2018).

A educação inclusiva é um caminho para a diversidade através da criação de uma escola que ofereça alternativas e que satisfaça as necessidades individuais de cada aluno, criando espaços de colaboração. Muitos obstáculos terão que ser superados, mas as iniciativas e alternativas implementadas pelos professores são de suma importância para essa empreitada (BOY, 2019).

A falta do conhecimento da teoria educacional, da legislação e do contexto sociopolítico da educação inclusiva impede

que o sistema governamental forneça os recursos necessários e organize a prática para a implementação inclusiva. Por outro lado, comportamentos inadequados se transformam em práticas de centralização, principalmente comportamentos burocráticos e ineficazes em relação às necessidades educacionais atuais (KICH, 2018).

De forma mais específica, cada escola pública brasileira discutirá suas dificuldades durante o processo inclusivo, mesmo aquelas que possuem profissionais capacitados, materiais e até sala de recursos que facilitam a prática diária terão algumas questões a relatar, pois ainda não existe ensino regular em escolas que atingiram 100% do seu objetivo inclusivo, este estudo irá demonstrar de uma forma ampla o que os alcançou (BOY, 2019).

Ocasionalmente as escolas possuem recursos disponíveis, entretanto a equipe pedagógica pode não estar preparada para aulas inclusivas, porém, as discussões de alguns autores sugerem que, sem recursos adicionais ou pessoal capacitado, a situação existente na escola pode ser bastante conturbada, por isso é necessária uma instituição composta destes itens tão importantes, para ensinar e aprender no processo (OLIVEIRA; VELOSO, 2020).

CONCLUSÕES

Todos os requisitos legais acima mencionados carecem de uma ação eficaz relativamente à questão de saber se a aplicabilidade da lei está ou não a ser questionada e se está ou não a ser cumprida, no entanto, é evidente que no atual clima político as condições são diferentes dos necessários e importantes. É fundamental que o poder público esteja atento ao caráter emergencial da demanda por regularização, cobrança e registro de dados e reclamações, a fim de criar medidas para avaliar a eficácia de ações inclusivas nas escolas brasileiras que poderiam, e provavelmente estão impactando negativamente as capacidades cognitivas, motoras e sociais de crianças com deficiência. A falta de investigação a esse respeito resulta em ações ineficazes ou ineficazes por parte de instituições que não conseguem seguir as exigências legais que acarretam custos extras que ainda não estão presentes no espaço da escola.

Requisitos mais pertinentes deveriam ser atendidos por meio de legislação e decretos, como a institucionalização da Língua Brasileira de Sinais como disciplina efetiva nas instituições escolares, da mesma forma que a disciplina de inglês, isso promoveria a igualdade de oportunidades para todos no país. Por conta disso, a legislação relativa

ao mundo do trabalho teria que ser implementada e todos teriam que ter a mesma capacidade para prestar um serviço para qualquer pessoa com deficiência. Minimizar, por exemplo, as estatísticas que mostram que os primeiros encontros dos brasileiros com a Libras ocorrem em turmas que possuem componente de ensino superior, já como disciplina obrigatória. Permitindo que esses profissionais intérpretes assumam a função de professor especialista, à semelhança dos professores de inglês, artes e educação física do ensino fundamental I e professores regulares do ensino fundamental II, ensino médio e EJA.

Para finalizar esta pesquisa, é importante destacar, ou valorizar, alguns aspectos que podem alterar, melhorar ou transformar as condições inclusivas de alunos com algum tipo de deficiência no ambiente escolar. A primeira estratégia é conscientizar e comprometer a equipe da escola com a segunda estratégia, que é capacitar a equipe para atender as demandas das crianças, desde a direção até a equipe de limpeza.

Esta promoção consistente de comportamentos direcionados, além de melhorar a qualidade de vida das crianças, visa garantir o cumprimento dos direitos das crianças. Além disso, o poder público pode criar espaços de denúncia e investigação destinados às famílias que

queiram denunciar casos de negligência institucional ou de falta de vagas mal rotuladas. Esses espaços são destinados às famílias que desejam investigar casos de falsas alegações de falta de vagas ou de pessoal, ou casos que não atendem às demandas da educação especial. Além disso, em relação às escolas privadas, são necessárias políticas públicas, determinações ou leis que penalizem as instituições que não cumprem leis ou regulamentos, que possam garantir que toda escola tenha imprescindivelmente ao menos um professor especializado no processo inclusivo no grupo de ensino da escola.

Uma vez promovida a participação das crianças com deficiência nos espaços escolares, é necessário investir em mecanismos, materiais e tecnologias que possibilitem às crianças a construção do conhecimento. E por tecnologia entendemos ferramentas destinadas a promover o desenvolvimento das habilidades cognitivas e motoras das crianças, como ferramentas que ajudam os profissionais de educação física a praticar com crianças que têm dificuldade de locomoção.

REFERÊNCIAS

ANTUN, R. P. **O que fazer quando uma escola se recusa a aceitar uma criança com deficiência múltipla.** DIVERSA - educação inclusiva na prática, mai. de 2018.

BORGES, L.de L. **Modos de pensar a infância: um convite ao pensamento a partir da educação especial.** Dissertação (Mestrado em Educação) –UFSM, Santa Maria. 2019.

BOY, P.P. **Educação Inclusiva: desafios e possibilidades.** 2019. Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/educacao-inclusiva-desafios-e-possibilidades>. Acesso em 01 outubro de 2023.

CAMACHO, R. S., & Vieira, J. M. (2020). **Um debate acerca de saberes necessários à prática pedagógica na perspectiva da inclusão escolar em escolas do campo nas mesorregiões Centro-Norte e Sudoeste de MS.** Brazilian Journal of Development, (6), 3757-3779. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n1-267>.

DIAS, M. A., Dantas, P. M., Lopes, B. P. **Educação Física escolar: diálogo com a inclusão.** In Martins, L. A. R., Magalhães, R. C. B. P. (Org.), Processos formativos e desafios atuais da educação especial: olhares que intercruzam. (p. 215-230). Fortaleza, CE: EdUECE. (2018).

FERREIRA, M; CADAVIECO, S. **Educação inclusiva: o professor como epicentro do processo de inclusão.** Revista nacional e internacional de educación inclusiva, v 8. n 1, 2018.

FERREIRA, M.E.C. **O enigma da inclusão: das intenções às práticas pedagógicas.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3, p.543-560, set/dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro\São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARAFALO, D. Educação inclusiva: veja dicas para integrar os alunos nas aulas... - Disponível em <https://deboragarafalo.blogosfera.uol.com.br/2019/11/13/educacao-inclusiva-veja-dicas-para-integrar-os-alunos-nas-aulas/?cmpid>. 2019.

GOMES, C. & BARBOSA, A. J. G. **Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental.** Revista Brasileira de Educação Especial, Universidade Estadual Paulista, v.12, nº 1, pp. 85-100, 2018.

HONNEF, C. **O trabalho docente articulado com concepção teórico-prática para a educação especial.** Tese (Doutorado em Educação) –UFSM, Santa Maria. 2018.

JUSBRASIL. Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020. **Institui a Política Nacional de Educação Especial:** Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longa da Vida. Gabinete do Presidente da República, Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1º de outubro de 2020.

KICH, B.V. **Narrativas de gestores de escolas públicas frente à política de inclusão escolar: um estudo de caso na região centro-oeste-RS.** Monografia (Especialização) –UFSM, Santa Maria. 2018.

LAGO, Mara. **Autismo na escola: ação e reflexão do professor.** 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13077>. 2019.

LOPES, M. M. **Perfil e atuação dos profissionais de apoio à inclusão escolar.** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. 2018.

SILVA, G. F. et al. Educação Especial e diversidades: emergências atuais. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 25, p. 7-14, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v25i1.6697>

SOUZA, Christianne Thatiana Ramos; MENDES, Eniceia Gonçalves. **Revisão sistemática das pesquisas colaborativas em educação especial na perspectiva da inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação Especial, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 279-292, abr./ jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/sxPMLY5ZBTgWMJVfkdsGQdP/abstract/?lang=p>. Acesso em: 05 julho. 2023.

OLIVEIRA, A.A.S.; OMOTE, S.; GIROTO, C.R.J. **Inclusão escolar: as contribuições da educação especial.** 1.ed. São Paulo: Fundepe, 2018.

OLIVEIRA, G. G.; VELOSO, L.M. M. **Principais desafios da inclusão dos alunos com deficiência no sistema educacional.** In: Revista Brasileira de Educação Básica. 2020.

OMOTE, Sadao. **Atitudes sociais em relação à inclusão: recentes avanços em pesquisa.** Revista Brasileira de Educação Especial, Rio de Janeiro, n. 24, p. 21-32, out./dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VKFFLxSr5GW6LKq9P7crnFt/?lang=pt>. Acesso em: 08 julho. 2023.

VIEIRA, C. M.; OMOTE, S. **Atitudes sociais de professores frente à inclusão: Formação e mudança.** Rev. Bras. Ed. Esp., Bauru, v. 27, e0254, p. 743-758, 2021. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/sFZmbYyQZGqzTqBhsDL6NBq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 de setembro de 2023.

ZERBATO, A. P. **Desenho Universal Para Aprendizagem na Perspectiva da Inclusão Escolar: Potencialidades e Limites de uma Formação Colaborativa.** 2018. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9896>. Acesso em: 20 setembro. 2023.



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

INTERAÇÃO ENTRE A INTERNET E O METAVERSO

*Anderson Ricardo Barros Silva¹
Cleidejane Soares de Barros²*

RESUMO

A evolução da internet e o surgimento do mundo virtual representam um marco na história da tecnologia e da sociedade. O tema do presente trabalho é “Interação entre a internet e o Metaverso”. Além de livros e sites jornalísticos, a pesquisa investigou publicações científicas disponíveis nos sites Scielo e Science Direct, no período de 2012 a 2023. O objetivo geral deste estudo é avaliar as principais características da internet contemporânea que estão impulsionando a interconexão com o Metaverso. Foi selecionado para análise de artigos científicos que abordam a relação entre a Internet e o Metaverso, excluindo-se aqueles que não tratam do assunto de forma direta. Assim, conclui-se que o Metaverso tem potencial importante na vida das pessoas, e com o avanço tecnológico será mais acessível e realista, podendo, inclusive, evoluir para o mundo virtual 3D.

Palavras-chave: Interação; Internet; Metaverso.

¹ E-mail: andersonricardoadv@hotmail.com

² E-mail: dr.csb@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o tema "Interação entre a Internet e o Metaverso", explorando os aspectos evolutivos da *Web* e a viabilidade prática do mundo imersivo por intermédio da tecnologia. No contexto acadêmico, esse tema é relevante, pois proporciona uma base sólida para o progresso em uma área científica multidisciplinar. A busca pela compreensão dos diversos elementos envolvidos justifica a importância desse estudo, permitindo uma visão especial para acompanhar as transformações em andamento, explorar as oportunidades emergentes e enfrentar os desafios que surgem nesse cenário de constante evolução.

A internet que inicialmente era uma plataforma obscura, restrita e limitada, tornou-se um fator impulsionador para a criação de uma nova forma de sociedade: a sociedade em rede. Tal comunidade é caracterizada pela relação entre seres humanos e dispositivos eletrônicos, o que ocorre graças ao avanço tecnológico e da conectividade que ele proporciona³.

No que diz respeito ao Metaverso, há de se destacar que o surgimento de seu conceito teve origem no romance *cyberpunk* de *Neal Stephenson*, intitulado "Snow Crash", publicado em 1992. Ele

descreve um universo paralelo ao nosso, no qual as pessoas têm a capacidade de se movimentar e interagir por meio de avatares personalizados em um ambiente tridimensional⁴.

O presente estudo adotou uma abordagem de Revisão Sistemática Integrativa para investigar como essa interação se manifesta na prática, realizando análises aprofundadas de uma ampla variedade de fontes de informação, objetivando responder a seguinte pergunta norteadora: quais são os elementos-chave da evolução da internet que impulsionam a interação com o Metaverso?

Nesse sentido, é importante compreender como a rede mundial de computadores está possibilitando a integração tecnológica em discussão, já que houve o surgimento de uma experiência interativa cada vez mais sofisticada. Com isso, esta pesquisa possui o objetivo geral de identificar as principais características da internet contemporânea que estão impulsionando a interconexão com o mundo cibernético.

METODOLOGIA

Trata-se de Revisão Sistemática Integrativa, seguindo as etapas: tema definido; pergunta norteadora e estratégia de busca selecionadas; descritores e bases

³ SZINVELSKI; ARCENO & FRANCISCO, 2019.

⁴ FELICE; CHIARAA & PETRILLOA, 2017.

de dados identificados para busca; critérios de inclusão e exclusão estabelecidos; estudos pré-selecionados e selecionados identificados por leitura dos agentes indexadores (resumos, palavras-chave, títulos); organização dos estudos para categorização e análise com matriz de síntese.

A mencionada metodologia de Revisão Sistemática Integrativa neste estudo, fundamentou-se em dados acadêmicos reunidos ao longo da última década. Esta escolha se deu em virtude da complexidade do tema, que requer a análise

de informações históricas, pois a falta de dados mais recentes não permite um entendimento apropriado do assunto.

O trabalho incluiu criação de biblioteca e avaliação crítica dos assuntos; análise, interpretação e discussão dos resultados; apresentação da revisão em formato de artigo com sugestões para estudos futuros. A abordagem da Revisão Sistemática Integrativa permitiu análise rigorosa e abrangente das observações selecionadas, fornecendo visão geral do tema e direcionando novas possibilidades de pesquisa, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Detalhamento das Etapas da Revisão Sistemática Integrativa

ETAPA	TÓPICOS DE CADA ETAPA	DETALHAMENTO DE CADA TÓPICO		
1 ^a	Tema	Interação entre a Internet e o Metaverso		
	Pergunta norteadora	Quais são os elementos-chave da evolução da internet que impulsionam a interação com o Metaverso?		
	Objetivo geral	Identificar as principais características da internet contemporânea que estão impulsionando a interconexão com o mundo imersivo.		
	Estratégias de busca	. Cruzamento de descritores por meio do operador booleano AND; . Uso de descritores estruturados (codificação) no DECS ou MESH; . Uso de metadados (filtros).		
	Bancos de terminologias	Banco	Link	
		DeSC	http://decs.bvs.br/	
		MeSH	https://www.ncbi.nlm.nih.gov/mesh	
	Descritores livres e estruturados	Descritores	DeCS (Registro)	MeSH (Identificador Único)
		Interação	57212	D000073276
		Internet	33921	D020407
		Metaverso	-	-
	String de busca	Evolução AND Web 2.0 Metaverse AND Internet Internet Web 3.0 AND Metaverse Semantic Web		
	Bibliotecas Virtuais	Link		
Scielo		https://search.scielo.org/		
Science Direct		https://www.sciencedirect.com/		
2 ^a	Período de coleta dos dados	maio e junho de 2023		
	Critérios de inclusão	5. Texto (artigo de opinião de espécie científico). 6. Publicação (2012-2023).		
	Critérios de exclusão	2. Artigos que não contemplam a temática “Direito e Metaverso”.		
3 ^a	Número de trabalhos selecionados para Revisão Sistemática Integrativa a partir da leitura dos agentes indexadores das publicações (tema, descrição, ementa).	11		
4 ^a	Categorias obtidas com a análise dos documentos investigados <i>online</i> gratuitos e de livre acesso.	2		
5 ^a	Tecnologias digitais utilizadas	Tecnologia (software ou website)	Link	Utilidade
		WordArt: Nuvem de palavras	https://wordart.com/	Construir nuvem de palavras e frequência das palavras-chave para criar as categorias temáticas.

Fonte: Elaborada pelos autores.

RESULTADOS

Quadro 2 - Total de documentos disponíveis nas plataformas *Scielo* e *Science Direct*, obtidos por *string* de pesquisa.

String de busca	Bases de dados Plataforma	Total de publicações sem o filtro	Publicações disponíveis após aplicar os filtros	Publicações aproveitadas na Revisão Sistemática Integrativa
Evolução AND Web 2.0	Scielo	3	3	1
Metaverse AND Internet	Science Direct	406	323	3
Internet Web 3.0	Science Direct	38	36	6
END Metaverse	Science Direct	58.683	8.348	1
Semantic Web	TOTAL	506	370	11

Fonte: Elaborada pelos autores.

De acordo com o Quadro 2, as plataformas pesquisadas disponibilizaram 506 artigos científicos relacionados a pesquisa, com a utilização de filtros 370 artigos científicos continuaram atendendo

os critérios de inclusão, e destes foram realizados 11 downloads, por corresponderem a todos os critérios de inclusão, sendo submetidos às etapas da revisão sistemática.

Quadro 3 - Descrição de Artigos Conforme Critérios de Inclusão

ART	AUTOR(A)	TEMA	ANO	CONCLUSÃO
1	JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da.	Produtos e serviços da web 2.0 no setor de referência das bibliotecas	2012	As bibliotecas devem adotar tecnologias da web 2.0 para oferecer serviços aos usuários e acompanhar a evolução informacional. No Brasil, é necessário quebrar o paradigma dos métodos consolidados e estudar em quais pontos o atendimento pode ser melhorado. A segurança da informação deve ser considerada.
2	MOURTZIS, Dimitris; PANOPOULOS, Nikos; ANGELOPOUL	Human centric platforms for personalized value creation in metaverse	2022	The Metaverse is the evolution of the Internet towards a personalized and human-centered digital reality. Despite the challenges, it presents opportunities for the industry and a

	OS, John; WANG, Baicun; WANG, Lihui.			more integrated society. It is important to continue researching for a more humanized society 5.0.
3	FAR, Saeed Banaeian; BAMAKAN, Seyed Mojtaba Hosseini; QU, Qiang; JIANG, Qingshan.	A Review of Non-fungible Tokens Applications in the Real-world and Metaverse	2022	The study presents new applications of NFTs in the Metaverse, providing opportunities for industry and academia. These include Metaverse-based certificates, digital asset tokenization services, and academies, which can generate high revenues for developers and entrepreneurs.
4	ZHAO, Yuheng; JIANG, Jinjing; CHEN, Yi; LIU Richen; YANG, Yalong; XUE, Xiangyang; CHEN, Siming.	Metaverse: Perspectives from graphics, interactions and visualization	2022	The framework covers graphics, interaction, and visualization of the Metaverse and proposes useful taxonomies for future studies. Possible applications in different fields can inspire advancements, making this work relevant for the understanding and construction of the Metaverse.
5	FELICE, Fabio de; LUCAA, Cristina de; CHIARAA, Simona di; PETRILLOA, Antonella.	Physical and digital worlds: implications and opportunities of the Metaverse.	2023	The Metaverse is the evolution of the Internet. Interoperability between worlds and platforms is crucial. Without genuine emotions among people, it is obsolete. The pandemic has reinforced the need for a more coherent and integrated digital-social reality.
6	RAY, Partha Pratim.	Web3: A comprehensive review on background, technologies, applications, zero-trust architectures, challenges and future directions	2023	Web3 represents a fundamental shift towards a more decentralized and democratic internet. It is important to work collectively to achieve its benefits and potential for the future of the internet, facing challenges such as scalability, regulation, and the environment.
7	WEI, Dongying.	Gemiverse: The blockchain-based professional certification and tourism platform with its own ecosystem in the metaverse	2022	<i>Gemiverse is an online blockchain-based platform that offers professional certification and tourism services. With engaging games and learning mechanisms, Gemiverse has the potential to revolutionize the professional skills training industry.</i>
8	ZHAOA, Ning; ZHANG, Haoran; YANGC, Xiaohu; YAND, Jinyue; YOU, Fengqi.	Emerging information and communication technologies for smart energy systems and renewable transition.	2023	The decarbonization of energy systems is crucial to mitigate climate change. Emerging technologies such as blockchain and artificial intelligence can facilitate the transition to renewable energy and sustainable operations in smart energy systems.

9	J, Andrew; ISRAVEL Deva Priya; SAGAYAM, K. Martin; BHUSHAN, Bharat; SEI, Yuichi; EUNICE, Jennifer.	Blockchain for healthcare systems: Architecture, security challenges, trends and future directions	2023	Blockchain technology can help with security and authentication of health data. Patients control their data in a secure environment. The combination of technologies such as blockchain and artificial intelligence can improve treatment and reduce costs. However, the shortage of technology experts is a barrier to its widespread adoption.
10	RENUCHINTA LA, Tara; ALFAURI, Haneen; ZEBO Yang; PIETRO, Roberto Di; JAIN Raj;	A Survey of Blockchain Applications in the FinTech Sector	2022	There are blockchain applications in three segments of the fintech sector, with current limitations and promising areas such as decentralized identities. The information is useful for researchers and DApp developers.
11	BELOZEROV, A.A; KLIMOV, V.V.	Semantic Web Technologies: Issues and Possible Ways of Development	2022	Semantic systems still lag behind non-semantic competitors. Automated data exchange is an advantage of semantic technology. Complex searches are possible with dependencies. The goal is to standardize data collection and enhance search. Next steps include speech recognition and emotion recognition.

Fonte: Plataformas *Scielo* e *Science Direct*, 2023.

Por meio da análise da frequência das palavras presentes no corpo textual supradito, foi gerada a nuvem de palavras

(Figura 1), utilizando a plataforma online *WordArt*.

Figura 1 - Nuvem de Palavras



Fonte: Elaborada pelo autor.

Mediante a Figura 1, constatou-se que as palavras destacadas na nuvem pertencem às categorias desenvolvidas por meio da análise de conteúdo de *Bardin*. Essas categorias são derivadas da frequência das palavras, conforme apresentado na Tabela 1, a qual se refere ao

quadro referencial. Para atender ao propósito deste trabalho, optou-se por descrever as palavras cujas frequências totais no texto eram mais relevantes para a Internet e o Metaverso, com base em seus significados nos campos textuais. Essa descrição é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência das palavras (Plataforma WorArt).

PALAVRAS	FREQUÊNCIA	CATEGORIAS
Internet	24	Pontos importantes da evolução da internet
Web	20	
Web 3.0	18	
Blockchain	15	
Tecnologia	14	
Dados	13	
Descentralização	12	
Segurança	11	
Criptografia	10	
Transparência	9	
Metaverso	22	O Metaverso
Virtual	17	
Mundo	14	
Realidade	13	
Tecnologia	12	
Espaço	11	
Interação	10	
Imersão	9	
Digital	8	
Experiência	7	

Fonte: Elaborada pelos autores.

DISCUSSÕES

1 PONTOS IMPORTANTES DA EVOLUÇÃO DA INTERNET

Antigamente, um som agudo indicava a conexão lenta da internet. Agora, a tecnologia avança rapidamente e já alcança a conexão 5G, que permite acesso a uma quantidade enorme de conteúdo. A Lei

de *Moore*, previu que o poder de processamento dos computadores dobraria a cada 18 meses, e tem se mantido válida desde 1965, por força dos constantes avanços tecnológicos⁵.

No ano de 1995 houve o desenvolvimento do primeiro estágio da *Web 1.0*, a *World Wide Web* (WWW), que era corporificada por páginas unidas por

⁵ LONGO & TAVARES, 2022.

hiperlinks, apenas para leitura, sem qualquer tipo de recursos visual, compartilhamentos e comentários⁶. Nessa toada, a *Web* se tornou um meio de comunicação poderoso nos Estados Unidos e evoluiu para a *Web 2.0* após a mudança no paradigma do comércio na internet em 2001⁷.

Antes a internet era como uma biblioteca digital, mas, agora se encaminha

para a *Web 3.0*, que é uma nova forma de usar a rede virtual, haja vista que sua performance é mais interativa e imersiva, tendo sido criada por *Gavin Wood* em 2014, em virtude da tecnologia *blockchain*, que possibilita a descentralização das atividades *online* e a criação de mundos virtuais tridimensionais⁸. Segue abaixo o Quadro 4, contendo o resumo da evolução da geração *Web*.

Quadro 4 - Resumo da Geração Web

WEB	CONTEÚDO	INTERATIVIDADE	TECNOLOGIA	METAVERSO
Web 1.0	Textos e imagens estáticas	Interatividade limitada	HTML e CSS	Ausente
Web 2.0	Textos, imagens, áudio e vídeo	Maior interatividade	JavaScript, AJAX, XML, RSS.	Ausente
Web 3.0	Diversos formatos de conteúdo digital	Interatividade ampliada por aplicações descentralizadas	Blockchain, IA, realidade virtual	Metaverso imersivo.

Fonte: Elaborada pelo próprio autor, com base nas informações do presente capítulo.

⁶ IDEM.

⁷ JESUS & CUNHA. 2012.

⁸ MOURTZIS, et al., 2022.

Diante disso, compreende-se que a evolução da internet trouxe mudanças significativas para a sociedade, admitindo a criação de novos modelos de negócios e a conexão entre pessoas e dispositivos eletrônicos, sendo por meio da *Web 3.0* o maior avanço da rede mundial de computadores que consente a acessibilidade dos usuários às plataformas digitais imersivas.

1.1 Pontos Importantes da *Web 3.0*

A *Web 3.0* é uma nova fase da internet que tem uma rede descentralizada de servidores e é focada no usuário. Ela utiliza tecnologias inovadoras, como a inteligência artificial e a realidade aumentada. Trata-se de uma rede de comunicação global aberta, na qual é baseada em protocolos e redes *blockchain* transparentes, comportando transferências de dados seguras, pagamentos automáticos em criptomoedas e simplificação de cessões de propriedades⁹.

A descentralização ocorre quando o poder não fica sob um único controle gerencial. Isso significa que os dados não ficam centralizados em um único local, o que oferece mais transparência e reduz o risco de problemas, como censura ou falhas¹⁰. Para tal intuito, existem cinco

camadas de tecnologia que ajudam a tornar a internet ainda mais descentralizada¹¹.

Baseado no que fora dito, conclui-se que a *Web 3.0* é o novo padrão da internet, que tem por escopo descentralizar o poder dos dados digitais de um único ponto de controle, posto que há a distribuição em uma rede de servidores conectados espalhando as informações para vários pontos, dando aos usuários maior influência sobre seus dados e identidade digital, pelos fundamentos que lhes são peculiares.

1.1.1 Fundamentos da *Web 3.0*

1.1.1.1 Web Semântica

A *Web Semântica* é uma rede global e pública que estabelece um padrão para a apresentação de informações de maneira que possam ser processadas por máquinas. Ela é construída em cima da estrutura da *World Wide Web*¹². Nesse sentido, em vez de processar apenas texto, a *Web Semântica* permite que as máquinas processem conhecimento, semelhante ao raciocínio dedutivo humano, proporcionando resultados mais relevantes. Isso permite que as elas aprendam o que os usuários estão procurando, ajudando-os a encontrar informações mais rapidamente e

⁹ LONGO e TAVARES, op. cit., 2022.

¹⁰ RAY, 2023.

¹¹ IBIDEM.

¹² BELOZEROV & KLIMOV, 2022.

compreender as relações entre diferentes conceitos¹³.

Nessa perspectiva, a *Web Semântica* pode ser conceitualmente entendida como a padronização de informações para processamento, que possibilita a obtenção de resultados personalizados por meio de um sistema colaborativo entre humanos e máquinas. Dessa forma, ao utilizar a Internet das Coisas (IoT) e incorporar o poder da Inteligência Artificial (IA), essa abordagem busca melhorar o entendimento do contexto, possibilitando, ademais, a utilização do Sistema de Governança Transparente.

1.1.1.2 Sistema de Governança Transparente

Hodiernamente, a entrega de bens e serviços por meio de contratos legais é feita pelo sistema tradicional de governança. No entanto, o cumprimento desses contratos pode ser demorado e burocrático. Isso acontece porque, embora os acordos legais protejam as partes envolvidas, o processo de execução é ineficiente e está sujeito a falhas, o que acaba atrasando o procedimento¹⁴.

Uma das características mais interessante do sistema em discussão é a sua

capacidade de permitir que todas as transações sejam observadas por todos os participantes, por intermédio da tecnologia *blockchain*, já que qualquer tipo de ajuste ou alteração deve ser validado pelos os envolvidos, e, conseqüentemente, a remoção ou manipulação de dados não é possível sem a concordância dos sujeitos do contrato¹⁵.

A esse propósito, urge mencionar que à efetivação dos termos acima expendidos, criou-se um protocolo tecnológico denominado *Ethereum*, que admite a escrita de contratos inteligentes e a gestão de ativos digitais, resultando na plataforma *blockchain* mais popular para aplicativos descentralizados, devido à implementação dos contratos digitais e seus kits de desenvolvimento¹⁶.

Assim, apreende-se que o sistema de governança transparente de dados digitais é caracterizado pela utilização da tecnologia *Web 3.0* e *blockchain*. Por tais mecanismos, recebe-se transações observadas por todos os participantes, assegurando a integridade dos dados e oferecendo um elevado nível de transparência. Dessa maneira, permite-se não apenas a escrita de contratos inteligentes, pois a gestão de ativos digitais mediante o protocolo *Ethereum* e *Bitcoin*,

¹³ LONGO e TAVARES, op. cit., 2022.

¹⁴ IBIDEM,

¹⁵ J, et al., 2023.

¹⁶ RENDUCHINTALA et al., 2022.

também é um grande diferencial deste modelo digital.

1.1.1.3 Técnica *Blockchain*

A técnica *blockchain* é uma inovação tecnológica que viabiliza o registro distribuído de dados sem a necessidade de intermediários, usando algoritmos de criptografia e matemática para chegar a um consenso entre os participantes. Logo, autoriza-se a criação de sistemas confiáveis, transparentes e eficientes em diversos setores, desde finanças e comércio até governança e saúde. Foi proposta pela primeira vez em 2008 por *Satoshi Nakamoto* em um *white paper* do *Bitcoin*, e ao longo dos anos evoluiu em três eras: *blockchain* 1.0, 2.0 e 3.0, cada uma representada por produtos como *Bitcoin*, *Ethereum* e *Hyperledger Fabric*¹⁷.

A presente técnica utiliza uma lista de registros chamados blocos que são protegidos por criptografia. Cada bloco contém um código que é gerado a partir do bloco anterior, além de informações sobre a transação e um registro do tempo em que ela ocorreu, criando assim uma cadeia de nós interconectados. Essa cadeia é compartilhada por uma rede de computadores, garantindo que todas as cópias sejam idênticas. Como resultado, os dados armazenados na *blockchain* são

seguros e não podem ser alterados ou deletados sem a permissão da maioria da rede¹⁸.

Com isso, entende-se que a técnica *blockchain* é um método tecnológico que usa um sistema de registro de informações compartilhadas, sem intermediários, usando algoritmos criptográficos para consenso. Então, por meio de tal registro e por rede de computadores, o sistema garante a integridade e a segurança dos dados envolvidos, dificultando um possível ponto de erro ou defeito específico, pois, cada nó da rede tem uma réplica dos dados, o que torna quase impossível os ataques cibernéticos.

1.1.1.4 Identidade Digital

As soluções de identidade digital possibilitam processos seguros de autenticação e autorização, reduzindo a dependência de esquemas tradicionais como nome de usuário e senha. Tais soluções são aplicáveis em diversos setores, como finanças, saúde, educação e comércio eletrônico, oferecendo ferramentas de gerenciamento de identidade interoperáveis e seguras. Pelas plataformas de identidade descentralizadas, os usuários podem controlar seus próprios dados e participar de acordos de compartilhamento de

¹⁷ WEI, 2022.

¹⁸ ZHAOA, et al., 2023.

informações em seus próprios termos, fomentando um ambiente digital mais justo e centrado no usuário¹⁹.

1.1.1.5 Métodos de Tokenização

Os *tokens* são *altcoins* que não possuem *blockchains* especializadas e são lançados em outras *blockchains*. Isso significa que, se a infraestrutura do *token* for interrompida, eles ficarão inacessíveis. Os Tokens Não Fungíveis (NFT), por sua vez, são tokens/códigos baseados em *blockchain* que certificam a singularidade e são imutáveis. Eles são conhecidos por sua propriedade de não-intercambiabilidade, o que significa que nenhum outro *token* pode substituí-los, mesmo que haja semelhanças entre eles²⁰.

Além da propriedade não-intercambiabilidade acima exposta, destaca-se que os NFTs são ainda singulares e imutáveis. São singulares porque representa que algo é único e não tem outro igual, podendo ser uma coisa física ou digital e imutáveis pelo motivo de que algo não pode ser mudado ou apagado, evitando que alguém possa destruir ou manipular os dados registrados²¹.

Dessa forma, define-se que o método de *tokenização* é uma forma de

digitalização de ativos e direitos para torná-los mais facilmente negociáveis e intercambiáveis em redes *blockchain*. Ele permite que ativos únicos sejam representados digitalmente e negociados de forma mais eficiente, democratizando as finanças e o comércio, sendo um elemento indispensável no Metaverso.

2 O METAVERSO

A etimologia da palavra Metaverso é uma combinação do vocábulo "universo" em inglês, que significa "tudo o que existe", com o prefixo grego "meta" que significa "além". Portanto, descreve a coexistência de todos os elementos da vida e da sociedade moderna em um espaço virtual paralelo, baseado nas tecnologias como Realidade Virtual (VR), Realidade Mista (MR), Realidade Aumentada (AR), Gêmeos Digitais e *Blockchain*, com interações multissensoriais com objetos digitais, ambientes virtuais e pessoas²².

A construção visual do Metaverso é realizada por técnicas gráficas que combinam o mundo físico e virtual, na qual envolve a criação de cenas em 3D e de personagens jogáveis (Avatares) e não-jogáveis (NPCs). Por meio desta tecnologia interativa, autoriza-se que os usuários

¹⁹ RAY, op. cit., 2023.

²⁰ FAR, BAMAKAN & JIANG, 2022.

²¹ IBIDEM.

²² MOURTZIS, PANOPOULOS & ANGELOPOULOS, op. cit., 2022.

explorem livremente o mundo virtual e recebam instruções e orientações adicionais. Dessa forma, a visualização processa os dados do Metaverso, apresentando-os para os usuários de maneira apropriada, tornando a experiência mais imersiva e realista²³.

Desse modo, define-se que o Metaverso é uma tecnologia emergente que adota a criação de um espaço virtual paralelo para proporcionar uma imersão completa no mundo digital, proporcionando interação com objetos cibernéticos, ambientes virtuais e outras pessoas, criando uma experiência de realidade mista, com interação entre os mundos real e fictício, que pode ser utilizada em diferentes áreas.

2.1 O Metaverso na Prática

A pandemia serviu como um grande teste mundial para a alta conectividade digital entre as pessoas. O distanciamento social forçado obrigou até mesmo aqueles que eram mais avessos à tecnologia a utilizar aplicativos de reuniões virtuais, gerando uma experiência global de presença digital em vez de uma presença física na sociedade²⁴. Na época, o *YouTube* divulgou uma lista das transmissões ao vivo com maior audiência em sua história. A

cantora brasileira Marília Mendonça alcançou a maior plateia já registrada em uma *live*, obtendo 3,31 milhões de espectadores²⁵.

Shows realizados no Metaverso estão crescendo em popularidade. Artistas como Ariana Grande, *Justin Bieber*, *Emicida*, *Gloria Groove* e *Rael* fazem suas apresentações em jogos como *Fortnite* e *Avakin Life*, além de plataformas como *Roblox* e *The Sandbox*. Porém, o *DJ Marshmello* foi o pioneiro no *Fortnite*, atraindo 10,7 milhões de jogadores simultâneos, enquanto o *rapper Travis Scott* se apresentou para 14,8 milhões de usuários síncronos no início da pandemia²⁶.

Doutro giro, em relação ao setor imobiliário cibernético, o *The Metaverse Group* é dono de diversas propriedades digitais no Metaverso e investiu mais de US\$ 10 milhões na compra dessas áreas virtuais, o que o tornou uma das principais empresas do setor²⁷. Em 2021, um terreno foi vendido por 618 mil MANA à empresa *Tokens.com*, que desembolsou US\$ 2,4 milhões na época²⁸. Note-se um exemplo de imóvel virtual na Figura 2.

²³ ZHAO, et al., 2022.

²⁴ LONGO e TAVARES, op. cit., 2022.

²⁵ CRUZ, 2020.

²⁶ ROSA, 2022.

²⁷ FINANÇAS, 2022.

²⁸ PEREIRA, 2022.

Figura 2 - Imóvel virtual - Decentraland



Fonte: Yahoo, 2022.

Em março de 2022, o universo virtual se tornou o novo destino da moda. As principais marcas do mundo desfilaram suas criações no *Metaverse Fashion Week* da plataforma *Decentraland*. As grifes exibiram *looks* digitais em avatares nas passarelas e mais de 108.000 usuários únicos, também em avatares, puderam conferir as coleções e fazer compras com criptomoedas²⁹. Veja-se a Figura 3.

Figura 3 - Coleção de NFTs em parceria com a Barbie



Fonte: Exame, 2022. Disponível em: <<https://exame.com/casual/como-o-metaverso-esta-transformando-a-moda/>>. Acesso em: 19/06/2023.

Outras áreas também podem ser exploradas, como no seguimento do turismo e até no campo diplomático. No primeiro, o "Meta Turismo" é uma alternativa de viagem para conhecer lugares

sem a necessidade de deslocamento físico³⁰. Já no segundo, *Barbados* será a primeira nação do mundo a ter uma embaixada virtual construída em parceria com *Decentraland*¹. Já na esfera matrimonial, em março de 2022, foi realizado o primeiro casamento brasileiro no Metaverso².

Diante disso, compreende-se que o Metaverso está cada vez mais presente em diversas áreas e setores, ao exemplo da cultura e entretenimento, turismo, imobiliário, dentre outros. O crescimento dessa tecnologia pode revolucionar a interação digital e os negócios. Além disso, marcas renomadas estão investindo no ambiente virtual, criando produtos e experiências exclusivas para os usuários.

CONCLUSÃO

A evolução da internet e o surgimento do Metaverso representam um marco na história da tecnologia e da sociedade. A internet, que antes era uma plataforma limitada e restrita, transformou-se em uma ferramenta poderosa de comunicação, permitindo a conexão entre pessoas e dispositivos eletrônicos em uma rede descentralizada de computadores.

Com a chegada da *Web 3.0* abrem-se novas possibilidades de interação e experiências imersivas, que transformam

²⁹ STORCH, 2022.

³⁰ BOEIRA, 2022.

¹ RUBINSTEINN, 2021.

² REDAÇÃO, 2022.

significativamente a maneira pela qual as pessoas vivem e se relacionam. Logo, constata-se que tal modalidade de rede surge para transformar a interação *online*, as transações comerciais, a gestão de ativos digitais e a governança, mediante inovações que oferecem maior segurança, privacidade, eficiência e transparência, como *blockchain*, identidade digital e tokenização.

Nesse contexto, observa-se que por força dessas inovações, tornou-se possível a materialização do Metaverso, que é uma tecnologia emergente que cria um espaço hiper-realista, abrangendo interações multissensoriais entre objetos digitais, ambientes virtuais e outras pessoas. Isso ocorre porque a combinação tecnológica, como Realidade Virtual, Realidade Aumentada e *Blockchain*, possibilita essa experiência de realidade mista. Assim, as informações acima respondem à pergunta norteadora deste trabalho, quando apontam as combinações tecnológicas de interação como os elementos-chave que impulsionam o movimento entre a internet e o Metaverso.

Quanto ao objetivo geral, este foi alcançado, uma vez que as características da internet contemporânea são impulsionadas pelo desenvolvimento das tecnologias já apresentadas (*blockchain*, identidade digital e tokenização), além de outras, como a 5G, a *Web* semântica e o sistema transparente de

governança. Com isso, permite-se a criação de experiências imersivas e envolventes em um ambiente virtual.

Ademais, o aumento da conectividade e a popularidade dos jogos online estão criando um público cada vez maior para essa nova forma de interação. Como resultado, o Metaverso tem o potencial para revolucionar a forma como as pessoas interagem com o mundo ao seu redor, possibilitando novas formas de conexão, aprendizado e colaboração.

Desse modo, conclui-se que o Metaverso tem potencial para impactar a vida das pessoas, e com o avanço tecnológico será mais acessível e realista, podendo, inclusive, evoluir para um mundo virtual 3D, incrementando experiências imersivas em atividades diárias como trabalho, estudo, socialização e entretenimento, transformando, assim, a forma como interagimos com a tecnologia.

Por isso, sugere-se sua conexão imediata, diante de seu estágio inicial que facilita na adaptação das plataformas e aplicativos de acesso, permitindo uma exploração mais completa dos ambientes virtuais, das comunidades e dos jogos interativos. Além do mais, possibilita o acompanhamento das tendências tecnológicas.

REFERÊNCIAS

BELOZEROV, A. A; KLIMOV, V. V. Semantic Web Technologies: Issues and Possible Ways of Development. **Procedia Computer Science**, v. 213, 2022.

BOEIRA, Juan D. Como metaverso irá revolucionar o turismo. **Época Negócios**, 2022. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/Changemaker/noticia/2022/04/como-metaverso-ira-transformar-o-turismo.html>>. Acesso em: 28/06/2023.

FAR, Saeed Banaeian; BAMAKAN, Seyed Mojtaba Hosseini; QU, Qiang; JIANG, Qingshan. A Review of Non-fungible Tokens Applications in the Real-world and Metaverse. **Procedia Computer Science**, v. 214, 2022.

FELICE, Fabio de; LUCAA, Cristina de; CHIARAA, Simona di; PETRILLOA, Antonella. Physical and digital worlds: implications and opportunities of the Metaverse. **Procedia Computer Science**, v. 217, 2023.

FINANÇAS, Redação. No metaverso, empresa gasta milhões com imóveis em 10 mundos virtuais. **Yahoo!finanças**, 2022. Disponível em: <<https://br.financas.yahoo.com/noticias/no-metaverso-empresa-gasta-milhoes-com-imoveis-em-10-mundos-virtuais-195414905.html>>. Acesso em: 11/06/2023.

J, Andrew; ISRAVEL Deva Priya; SAGAYAM, K. Martin; BHUSHAN, Bharat; SEI, Yuichi; EUNICE, Jennifer. Blockchain for healthcare systems: Architecture, security challenges, trends and future directions. **Journal of Network and Computer Applications**, v. 215, 2023. JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. Produtos e serviços da web 2.0 no setor de referência das bibliotecas Produtos e serviços da web 2.0

no setor de referência das bibliotecas. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v. 17, 2012.

LONGO, Walter; TAVARES, Flavio. **Metaverso: onde você vai viver e trabalhar em breve**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.

MOURTZIS, Dimitris; PANOPOULOS, Nikos; ANGELOPOULOS, John; WANG, Baicun; WANG, Lihui. Human centric platforms for personalized value creation in metaverse. **Journal of Manufacturing Systems**, v. 65. 2022.

PEREIRA, Gabriel. Terrenos no metaverso: veja quanto custam e como comprar terras virtuais. **Techtudo**, 2022. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/10/terrenos-no-metaverso-veja-quantocustam-e-como-comprar-terras-virtuais.ghhtml>>. Acesso em: 11/06/2023.

RAY, Partha Pratim. Web3: A comprehensive review on background, technologies, applications, zero-trust architectures, challenges and future directions. **Internet of Things and Cyber-Physical Systems**, v. 3, 2023.

REDAÇÃO. Brasil tem primeiro casamento realizado no Metaverso, 2022. **Isto é**. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/brasil-tem-primeiro-casamento-realizado-no-metaverso-entenda/>>. Acesso em: 28/06/2023.

RENDUCHINTALA, Tara; ALFAURI, Haneen; ZEBO Yang; PIETRO, Roberto Di; JAIN Raj. A Survey of Blockchain Applications in the FinTech Sector. **Journal of Open Innovation: Technology, Market, e Complexidade**, v. 8, 2022.

ROSA, Paola Ferreira. Shows no metaverso podem ampliar o acesso a apresentações artísticas. **Folha de São Paulo**, 2022.

Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/seminario-sfolha/2022/07/shows-no-metaverso-podem-ampliar-o-acesso-a-apresentacoes-artisticas.shtml>>. Acesso em: 11/06/2023.

RUBINSTEINN, Gabriel. País caribenho será o primeiro do mundo com uma embaixada no metaverso. **Exame**, 2021. Disponível em: <<https://exame.com/future-of-money/pais-caribenho-sera-o-primeiro-do-mundo-com-uma-embaixada-no-metaverso/>>. Acesso em: 28/06/2023.

STORCH, Julia. Como o metaverso está transformando a moda. **Exame**, 2022. Disponível em:<<https://exame.com/casual/como-o-metaverso-esta-transformando-a-moda/>>. Acesso em: 19/06/2023.

WEI, Dongying. Gemiverse: The blockchain-based professional certification and tourism platform with its own ecosystem in the metaverse. **International Journal of Geoheritage and Parks**, v. 10 2022.

ZHAO, Yuheng; JIANG, Jinjing; CHEN, Yi; LIU Richen; YANG, Yalong; XUE, Xiangyang; CHEN, Siming. Metaverse: Perspectives from graphics, interactions and visualization. **Visual Informatics**, v. 6, 2022.

ZHAOA, Ning; ZHANG, Haoran; YANGC, Xiaohu; YAND, Jinyue; YOU, Fengqi. Emerging information and communication technologies for smart energy systems and renewable transition. **Advances in Applied Energy**, v. 9 , 2023.

